

ZERO

FLORIANÓPOLIS, MARÇO DE 1999 - ANO XV, NÚMERO 3

BASTA!

São episódios que fazem da Macondo de Garcia Marquez algo nem tão irreal, tampouco absurdo. Numa ilha de um país sul-americano reina uma imperatriz, casada com o governador, que por acaso é prefeita e tem o poder de legislar sobre o bem público – aliás nem tanto, como se verá. Dona Angela convive em seu império com uma universidade que tem um orçamento maior que o de seu município, que não por acaso homenageia em seu nome um reconhecido tirano e assassino. Ironias da história.

A tal universidade, submissa aos interesses globalizantes, neoconservadores e privatistas emanados de outra ficção chamada Brasília, congela carreiras e sepulta projetos que contemplam a sociedade civil e ao espaço público informação isenta e transparente. Nem dona Angela nem dona Tecnoburocracia se preocupam com o espaço público ou com a liberdade de expressão, que não têm quem os defendam. Regem suas regras desconhecendo conceitos como proibidade, pluralidade política e ideológica. O neoliberalismo neoconservador globalizado retoma a política estadunidense do *big stick* gestado na CIA. O que vale é a força do porrete. E o porrete, para a prefeita e a universidade submissa, ambas atuantes num cenário também conhecido como Desterro, é a medieval masmorra.

De um lado, nossa imperatriz, como Zagalo, faz a população engolir tarifas injustas e sujeitar-se a dez anos de concessão de transportes públicos, renováveis, para empresas que visam apenas o lucro e pouco dão à população. Vivemos de fato uma democracia, caro leitor? Responda rápido. Não temos aqui um exemplo radiante de conflito de interesses? Nossa imperatriz governa exclusivamente para seus contribuintes?

No outro extremo de nossa real fábula, a universidade submissa ao imperial (e privatista) MEC evapora fundos para custear um projeto multimídia que dá ao contribuinte (que a sustenta) o que ele quer e merece: informação transparente e isenta, sem tutelas.

Como a prefeita, a submissa universidade acredita não dever nada ao cidadão, sequer liberdade de escolha. Assim, dona Angela mais que tutelar o transporte público com decretos autoritários, insatisfeita, ainda manda bater. Até em vereadores. O *big stick* neoliberal esquece, porém, que quem teve que suportar mais de vinte anos de autoritarismo não vai (nem quer) tolerar mais retrocessos. E tanto dona Angela quanto a Tecnoburocracia parecem rezar esta cartilha: o obscurantismo e o clientelismo. De seu lado, a universidade submissa comprova: tirou do ar um projeto de comunicação com a sociedade que gerava informação de qualidade científica e cultural, que não será ofertado pela imprensa privada. Dona Angela e dona Tecnoburocracia, muito íntimas, muito reais, querem o retorno das distantes Capitânicas Hereditárias. Obscuras, desconhecem o iluminismo, o bem e o espaço público. Humilham a sociedade civil. Acorda, Florianópolis! Tiranos se formam em pequenos atos e grandes golpes. Nós somos a prova. E nem o Judiciário nos salva. Só nós mesmos. Mas só com Democracia, pluralismo e representatividade. E com a defesa do espaço público, da sociedade civil e de todas liberdades que o cidadão exige e quer. Mesmo sem vereadores que os representem e reitores que os defendam. Estamos alertas e não desejamos que este lugar passe a se chamar Macondo.

NOSSO JORNALISMO:

SIDA/AIDS: O QUADRO ATUAL DA PANDEMIA

FHC DÁ BANCO CENTRAL AO FMI

O COLUNISTA MAIS HUMILDE DO BRASIL

ZERO Página do Curso de Jornalismo é reformulada

ANO XV — Nº 3
MARÇO 99
CURSO DE JORNALISMO
CCE - COM
UFSC



Melhor Peça Gráfica

I, II, III, IV, V e XI
Set Universitário
88, 89, 90, 91, 92 e 98

Jornal-laboratório do
Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Santa
Catarina editado pelo
Laboratório de Infografia
Concluído no dia 8 de março

A página do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina na Internet está de cara nova. Na rede desde o dia 5 de fevereiro, o novo site mantém o design e o padrão implantados pelo premiado *Universidade Aberta On Line*, também produzido no curso. O objetivo da reformulação visual é tornar a página mais conhecida e moderna, além de garantir acessos e "baixamentos" mais rápidos.

No site são encontradas notícias sobre o Curso de Jornalismo e novidades na área; um histórico que inclui de fotos antigas; entrevistas com jornalistas; pro-



Textos e notas estão na página

dução dos alunos e laboratórios do curso; links para páginas de interesse da área jornalística; textos, pesquisas, livros e currículos dos professores, assim como do próprio curso; ementas e programas das disciplinas do semestre em vigor; textos recomendados para as aulas e até notas das avaliações. Para estimular a comunicação entre os estudantes, a página traz também o E-mail dos alunos — todos com acesso garantido à Internet pela UFSC.

A página anterior foi acessada quatro mil vezes em seis meses. A criação do site foi motivada por uma pesquisa sobre

como os jornalistas e estudantes de Jornalismo usam a rede em sua formação e profissão, além da necessidade de se ter um instrumento de divulgação da produção dos professores e alunos para o público externo. O banco de dados disponível na página antiga, que trazia o endereço de jornais e jornalistas e um guia de fontes para estudantes e profissionais, está sendo atualizado para uma readequação ao site, e vai estar disponível brevemente. O endereço é <http://www.cce.ufsc.br/~com>.

Camille Reis

Famílias trocam dignidade por sobrevivência Vida miserável obriga catadores de lixo a aceitar exploração

Arte: Romeu Martins
Direção de arte e de redação:
Prof. Ricardo Barreto
Colaboração: Nicholas Nixon, Ethan Hoffman, José da Silva Jr.
Edição: Alanéa Coutinho, Alexandre Mendonça, Anacris Oliveira, Ana Letícia da Rosa, André Luckman, Ângela Delpizzo, Camille Reis, Carolina de Assis, Cassiano Rolim, Clarissa Moraes, Débora Tozzo, Eduardo Kormives, Fabrício Rodrigues, Fernanda Farias, Filipe Bezerra, Frederico Carvalho, Gabriela Cupani, Geannine Martins, Gisiela Klein, Gustavo Schwabe, Janaína Berti, Larissa Junkes, Leonardo Collares, Leyla Spada, Marcela Albuquerque, Mariana Cordeiro, Natália Viana, Pedro Valente, Rhodrigo Deda, Romeu Martins, Salvador Gomes, Sara Faraci, Sílvia Smaniotto, Sônia Campos
Editoração eletrônica: Alanéa Coutinho, Alexandre Mendonça, Ana Letícia da Rosa, André Luckman, Camille Reis, Carolina de Assis, Cassiano Rolim, Clarissa Moraes, Débora Tozzo, Eduardo Kormives, Fabrício Rodrigues, Fernanda Farias, Filipe Bezerra, Gabriela Cupani, Geannine Martins, Gisiela Klein, Janaína Berti, Larissa Junkes, Laura Antunes, Leonardo Collares, Leyla Spada, Marcela Albuquerque, Mariana Cordeiro, Natália Viana, Pedro Valente, Rhodrigo Deda, Salvador Gomes, Sara Faraci, Sílvia Smaniotto, Sônia Campos
Fotografia: Samanta Lopes, Gustavo Schwabe, Ramiro Pissetti, Wagner Maia, Salvador Gomes
Laboratório Fotográfico: Samanta Lopes, Wagner Maia, Salvador Gomes
Secretaria de redação e infografia: Pedro Valente
Serviços editoriais: Veja, Photo (FR)
Textos: Alanéa Coutinho, Alexandre Mendonça, Anacris de Oliveira, Camille Reis, Cassiano Rolim, Clarissa Moraes, Débora Tozzo, Fabrício Rodrigues, Fernanda Farias, Filipe Bezerra, Frederico Carvalho, Gisiela Klein, Gustavo Schwabe, Larissa Junkes, Laura Meurer, Leonardo Collares, Lúcia de Barros, Mariana Cordeiro, Natália Viana, Salvador Gomes, Samanta Lopes, Sara Faraci
Tratamento de imagens: José Lacerda, Pedro Valente, Camille Reis
Pré Press: Artline
Impressão: Diário Catarinense
Redação: Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-COM), Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis/SC
Telefones: (048) 331-9490 e 331-9215
Fax: (048) 331-9898
Home Page: www.cce.ufsc.br/~com
E-mail: zero@cce.ufsc.br
Circulação: gratuita e dirigida

Na casa de madeira de duas peças e chão de terra batida, Olivio dos Santos prepara o chimarrão enquanto espera o caminhão de lixo chegar. Ele trabalha cerca de seis horas por dia separando latas, garrafas plásticas e papéis do lixo do município de Dionísio Cerqueira, extremo oeste catarinense. São quatro carregamentos diários e mais de cinco toneladas. A casa de Olivio fica apenas a cem metros do trabalho e entre os restos de comida, lixo hospitalar e bichos berne, ele tira o sustento dele, da mulher e dos três filhos.

- Desculpa a minha indiscrição, mas quanto o senhor ganha por mês?
- Eu ganho na faixa dos 150 reais.

- E quantos quilos o senhor cata para chegar nesse valor?

- O máximo que eu já consegui foram três toneladas e meia. É que cada quilo de lixo reciclável eu ganho cinco centavos. Mas já foi mais. Teve uma época que eram seis, agora baixou um pouquinho.

- Mas é só o senhor que cata?
- É, quem cata são só eu, a mulher e esses meus dois pequenos. Mas o dinheiro eu divido com um homem que mora lá na cidade. Ele vem, pesa, vende e divide meio a meio.

- Mas se ele não cata, porque que ele recebe?

- Porque ele disse que o terreno do lixão é dele. Então se eu quero trabalhar, eu tenho que dividir com ele.

O menino, com a barriga d'água e rosto sujo de barro, chora. A mãe o levanta do chão de terra batida e o coloca no colo. Ergue a blusa e coloca o seio na boca do menino de aproximadamente um ano. A criança suga o seio da mãe com toda força.

- Mas seu João, o senhor pega alguma coisa do lixo?

- Ah, isso a gente pega. Pega principalmente as cestas básicas que a prefeitura distribui para o pessoal lá da cidade e eles jogam fora no lixo. Mas aí a gente pega e dá para os porcos.

- O senhor não recebe cesta básica?

- Teve uma época que sim. Mas agora a gente desistiu. Tem um pessoal aqui da comunidade que também recebia. Mas aí a prefeitura disse que não ia mais dar para eles porque eles eram muito relaxados.

- Não dá para aproveitar nada do lixo para vocês?

- De vez em quando a gente acha uma frutinha. Daí a gente lava e come.



Dionísio Cerqueira: mulheres e crianças ganham cinco centavos por tonelada de lixo reciclável

- E esse machucado no pé da sua esposa?

- Isso foi ontem quando a gente tava trabalhando no lixão. Ela enfiou um caco de vidro no pé. Agora tá um pouco inchado, mas daqui a pouco passa.

A mulher de Olivio espanta as moscas da pia, afasta devagar a criança do seio e dá a ele uma mamadeira com água.

- E a saúde da sua família?

- Graças a Deus nós nunca ficamos doentes. As crianças trabalham no lixo, brincam, mas a gente nunca precisou levar para o hospital.

- Mas o município tem um programa que o médico visita as casas dos moradores, não tem?

- Olha, eles só vieram aqui uma vez. Fizeram um cadastro nosso e nunca mais voltaram.

- A prefeitura sabe que vocês trabalham aqui?

- Eles sabem sim. Faz seis anos que eu trabalho no lixo e todos os prefeitos que passaram por aqui sabiam. Mas eles não fazem nada pela gente. Eles até poderiam fazer uma usina de reciclagem, igual a uma que tem aqui num município vizinho, mas eles não fazem. Isso até poderia dar mais emprego para o pessoal daqui da região.

- Posso aparecer aqui semana que vem para trabalhar com vocês no lixo e também para a gente conversar mais um pouco?

- Poder, pode. Mas esse trabalho não é para qualquer um não.

De segunda à sábado o caminhão da prefeitura de Dionísio Cerqueira faz de três a quatro carregamentos diários para o lixão. Lá, cerca de 100 famílias, a maioria ex-agricultores, vivem em barracos de lona sem nenhuma infra-estrutura, expostos a doenças.

Samanta Lopes



Mulher trabalhando no lixão com o pé cortado sem nenhuma proteção

Fotos: Samanta Lopes/Zero

Especulador assume Banco Central

Governo nomeia ex-assessor de Soros em meio à crise financeira

"A moeda é uma das mais importantes instituições de uma nação", disse o ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, em 7 de julho de 1997, na cerimônia de comemoração do quarto aniversário do real. No mês passado, o país viu seu orgulho ir por água abaixo. A moeda desvalorizou 76% frente ao dólar em duas semanas e só voltou a respirar na semana seguinte. Na segunda-feira, 1º de março, um dólar comprava R\$ 2,15.

O susto foi grande. O período de festas acabara há pouco e o país assistia a Fernando Henrique Cardoso assumir o segundo mandato como presidente da república. Eleito há quatro anos com a promessa de acabar com a inflação, a proposta de FHC para a reeleição era combater o desemprego, a fuga de dólares do país e os especuladores.

Nas duas primeiras semanas de janeiro, centenas de milhões de dólares deixaram o país diariamente. No dia 13, Gustavo Franco pediu demissão da presidência do Banco Central. Francisco Lopes assumiu interinamente o cargo e foi aos Estados Unidos, junto com o ministro Pedro Malan, tentar no Fundo Monetário Internacional (FMI) a liberação da segunda parcela da ajuda de US\$ 41,5 bilhões prometida ao Brasil.

Dois dias depois, o Banco Central decidiu não usar mais as reservas internacionais para controlar o câmbio. Festa na bolsa de valores de São Paulo, que fechou em alta de 33,41%. O dólar pulou de R\$ 1,31 a R\$ 1,43 em um dia. Em duas semanas a moeda americana estaria valendo R\$ 2,10.

Dez a zero para os especuladores. A falta de ação do Banco Central diante da especulação desen-

freada e da desvalorização recorde do real, irritou o presidente Fernando Henrique Cardoso, que demitiu Francisco Lopes.

No dia 2 de fevereiro veio a surpresa. O economista Armínio Fraga Neto, braço brasileiro do megainvestidor americano George Soros, assumiu a vaga deixada por Francisco Lopes.

Aprovada pelo mercado e gerando polêmica, a chegada do economista ao comando do BC é, para os políticos de oposição, a certeza de que o país está "à deriva". Seria também mais um sinal da submissão da equipe econômica às instituições internacionais, como o FMI.

Formado em Economia na PUC do Rio de Janeiro e doutor pela Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, Armínio é especialista em mercados internacionais. A parte mais atrativa do seu currículo — justamente a que incendeia a polêmica — é a sua competência na Soros Found Management (Administradora do Fundo Soros), US\$ 25 milhões teria sido o bônus de gratificação pelo seu desempenho.

Como diretor do fundo Soros, o economista prestava assessoria ao grupo Quantum, responsável pelo fundo Quantum NV, o mais rentável do mundo nos últimos anos. Sua principal tarefa na organização era formular a estratégia de atuação nos mercados emergentes, como o Brasil.

No final de fevereiro, o que todos esperavam. Fraga teria fornecido informações econômicas privilegiadas do Brasil para Soros, no fim-de-semana após o jantar com o presidente e o ministro da Fazenda. Pelo menos esta foi a acusação do economista americano Paul Krugman, prestigiado internacional-



mente, do Massachusetts Institute of Technology. Por algumas horas, ele foi o porta-voz de todas as críticas dirigidas ao governo brasileiro. Porém, na mesma semana o economista desmentiu o que disse, afirmando não ter provas concretas. Krugman declarou ainda, a uma revista brasileira, que acusar Armínio Fraga Neto teria sido o pior erro de sua vida.

Não é de hoje que a política econômica do governo é contesta-

da. Quando assumiu a presidência do Banco Central, em julho de 1997, Gustavo Franco disse que as âncoras cambial e monetária do real seriam "para sempre". Posições como essa lhe valeram a condição de inimigo dos críticos da política econômica que, embora bem-sucedida no controle da inflação, depende de juros altos e pouco crescimento econômico.

Cassiano Rolim

Argentina é invadida por produtos brasileiros

Desvalorização do Real aumenta as importações dos hermanos

O aumento de 54% na importação de produtos brasileiros é o sinal mais imediato da desvalorização do real na Argentina. A queda dos preços em relação ao peso argentino, que tem a mesma cotação do dólar, provocou uma invasão de produtos "made in Brazil" no país vizinho. Em um mês, a importação do açúcar brasileiro aumentou 1099%, enquanto os tecidos tiveram uma alta de mais de 3000%. Outros produtos, porém, tiveram uma baixa significativa nas importações, como os destilados (queda de 75%) e artigos de pele e couro (queda de 61%).

A situação preocupa a indústria argentina porque além de perder o próprio mercado, o aumento nas importações vai causar um maior déficit na balança comercial e uma perda na competitividade dos produtos platinos. Isso está sendo refletido na dificuldade do país em exportar seus produtos para o Brasil, principal parceiro econômico no Mercosul com outro agravante: os preços ficaram mais caros após a desvalorização do real, que desde o dia 13 de janeiro chegou a 32%.

Devido à todos esses problemas, a Argentina vai deixar de exportar 2,5 bilhões de dólares para o

Brasil. Mesmo com esse cenário, os economistas acreditam que as exportações argentinas vão crescer de 4 a 5% este ano.

Nos últimos quatro anos, as vendas ao Brasil aumentaram em torno de 30%, principalmente no setor de manufaturas industriais, que neste período cresceu de 36 a 52%, de acordo com números da Fundação Capital, que anunciou que "se a economia brasileira pode nos afetar tanto, é porque ainda não atingimos uma maturidade necessária para suportar choques externos".

A pedido da União Aduaneira, vários setores da economia argentina já procuram fórmulas para tentar conter o aumento das importações, caso o panorama não mude dentro de dois ou três meses. Uma saída é fazer com que o governo e empresários locais declarem "dano à indústria local", uma espécie de mecanismo de proteção econômica permitido pela Organização Mundial de Comércio, que regulamenta todas as transações do comércio internacional.

O assessor da União Aduaneira Alejandro Mayoral, declarou ao jornal Clarín, de Buenos Aires, que o Brasil deve se preocupar com o

Mercosul na hora de tomar decisões na área econômica. "O melhor que temos a fazer é não dar lições ao Brasil e aumentar nossa competitividade".

Enquanto não tomam medidas mais fortes, membros do governo platino tentaram negociar no Brasil - sem sucesso - a eliminação de subsídios diretos para os exportadores. Ou seja, a diferença entre o preço pago pelo governo na compra do produto e seu preço real.

Mas a negativa do governo brasileiro não provocou desânimo na Argentina, pois este pedido faz parte do amontoado de exigências que o FMI decretou ao Brasil e fará parte do ajuste fiscal. Se cumprido, vai provocar um arrocho de 1 bilhão de dólares na economia brasileira.

Chile - A crise brasileira e a desvalorização do real não afetará muito o país que mais desenvolveu sua economia na América Latina nos últimos anos. Países próximos, mas sem fronteiras entre si, Brasil e Chile mantêm um baixo intercâmbio comercial. Os analistas esperam em 99 um crescimento de 2,8% na economia chilena. Para eles, nem mesmo uma nova desvalorização do real desaqueceria a economia do Chile, que

teria um crescimento de pelo menos 1%.

O efeito da crise no comércio também não preocupa. As transações comerciais chilenas com o Brasil não ultrapassam 5% do total negociado pelo país, sendo que metade destes são negócios com cobre, produto cujo preço vem caindo gradualmente.

De acordo com os banqueiros da região, o risco maior seria de uma eventual declaração de moratória do governo brasileiro, que poderia deixar os bancos chilenos sem acesso a crédito e o governo sem condições de emitir bônus. José Barrionuevo, do banco Salomon Smith Barney, acredita que a economia chilena só estaria a perigo se a Europa e os Estados Unidos sentissem os efeitos da crise do Brasil.

Fabrizio Rodrigues

Argentinos estão comprando mais...

Açúcar + 1099%
Tecidos + 3000%

...e importando menos

Destilados -75%
Pele/couro -61%



Inauguração foi marcada por brigas políticas

No final do século XVIII pescadores e lavradores do povoado de nossa Senhora do Desterro montavam barraquinhas para vender o que produziam na praça central (atual Praça XV de novembro). Lá eles aportavam as canoas vindas do continente e do interior da Ilha. Mas o crescimento desta atividade comercial começou a incomodar os políticos, que achavam as barracas muito sujas e mal apresentadas para serem o mercado da capital, além de serem freqüentadas pelas camadas mais pobres da população.

Em 1845, com a visita de D Pedro II a Desterro, as barracas foram retiradas da praça e armadas perto da Ponte do Vinagre, onde fica hoje o prédio da antiga Capitania dos Portos. Com o fim da visita do Imperador, as barraquinhas passaram a ser motivo de briga política. Surgiram então os primeiros esboços de partidos políticos na cidade: os "barraquistas", cristãos que queriam as barracas na praça central e os "vinagristas", judeus que as queriam onde estavam, na Ponte do Vinagre.

Finalmente em 1848 é autorizada a construção do primeiro mercado público de Desterro, inaugurado em 1851, na praça central. Mesmo assim os problemas higiênicos e sociais, que causavam antipatia às barraquinhas, continuaram no mercado. Essas questões aliadas ao crescimento do comércio no local exigiram a construção de um novo mercado.

Assim, no dia 5 de fevereiro de 1899 foi inaugurado o atual mercado público de Florianópolis. Inicialmente, o prédio tinha apenas uma ala e uma das suas fachadas dava direto para o mar. Aos poucos, a construção foi sendo incrementada com calçamento, luz, cais e rampas para os barcos.

Em 1931 foi inaugurada a nova ala do mercado. Algumas mudanças foram feitas na arquitetura para que as duas alas ficassem iguais. Foram construídas também as quatro torres e as duas pontes que ligam uma ala à outra. A ala antiga foi fechada e por muito tempo só abria duas vezes por semana. Na década de 70 comerciantes que vendiam artigos de armarinhos e artesanato nas proximidades do mercado foram autorizados a utilizar os boxes da ala antiga, onde funcionam até hoje.

Na década de 80 o mercado público foi tombado e passou pela sua primeira reforma. Além da recuperação dos telhados, cobertura, torres, esquadrias e rebocos, foram instaladas as redes elétrica e telefônica e reformada a rede hidrossanitária e o sistema de prevenção de incêndio.

Textos: Laura Meurer

Na festa de 100 anos do Mercado Público volta a promessa da cobertura

Após conclusão do projeto proposta é de funcionamento 24 horas

O aniversário de 100 anos do mercado público de Florianópolis foi comemorado com a participação de aproximadamente 100 mil pessoas. A Prefeitura autorizou oficialmente a construção de uma cobertura de vidro para o mercado, obra que foi projetada há dois anos. Depois de pronta a cobertura, a administração pretende fazer com que o mercado funcione aos domingos, e posteriormente 24 horas.

Segundo o administrador do Mercado, Oreste Mello, as obras não começaram porque o tema ainda é muito polemicado. Técnicos do IPUF temem que o estilo arquitetônico do prédio seja agredido pelo design moderno da cobertura. Mas Mello garante que isso não vai acontecer, pois a cobertura foi projetada para trazer benefícios, aliando o velho ao novo. O vidro que será usado deixa passar apenas 30% do calor, o que vai transformar o pátio interno num ambiente mais fresco e agradável. A cobertura, patrocinada pela Antartica, será fixada no chão,

sem se apoiar na estrutura do mercado. Além disso, ela é facilmente desmontável, o que não compromete futuras obras de manutenção.



No início: cenário de batalhas políticas (e não por preços)

De acordo com Oreste, além de gerar mais empregos, o "mercado 24 horas" poderia ser uma alternativa de lazer para a população e para os turistas, mesmo fora de temporada. "Durante o dia não muda nada, é pra comprar. À noite é que as pessoas vão poder ir para se divertir nos bares e ouvir música".

Outro projeto para o mercado é o de transformá-lo em fundação. Mello diz que a administração precisa de mais autonomia apenas com a fiscalização da prefeitura. O mercado poderá voltar a ter, por exemplo, mais atividades típicas da Ilha. Hoje a maioria dos boxes lidam com vestuário e calçados, o que Mello atribui ao poder público, e não à administração do mercado. "Podemos voltar a ter artesanato, rendas, caldo de cana, tudo o que é típico da ilha".

O administrador admite que as condições do mercado ainda hoje são precárias e existem obras importantes a serem feitas no prédio. Retocar a pintura, consertar portas, calhas, o sistema de prevenção de incêndio e construir uma central única para o gás são algumas obras que precisam ser feitas com rapidez. Segundo Oreste, a manutenção tem quem ser constante. Ele acrescenta que é preciso cuidar do mercado público. "Algumas pessoas dizem que tem que cuidar porque é o cartão postal de Florianópolis. O mercado não é o cartão postal. O cartão postal é a ponte. O mercado é a sala de visitas da cidade. É aonde as pessoas podem ver como é o povo daqui. É o lugar da Ilha com a maior concentração de manezinhos por metro quadrado. É um lugar mágico".



Eli Heil despertou para as artes plásticas em 1962 depois de ficar cinco anos doente. Trouxeram-lhe um quadro de presente e, num sonho, um pássaro lhe disse: "Você pode fazer isto". Eli falou: "Isto eu também faço". Começou pintando com giz de cera as imagens de Cristo e de Nossa Senhora. Hoje, aos 70 anos, usa das mais variadas técnicas: mistura ferro com cimento, ergue estátuas de até dois metros e transforma argamassa em um presépio de miniaturas. Brinca com material reciclável, como o tijolo e a lã, e é capaz de fazer fios de tinta.

Nasceu em Palhoça, em 1929, foi professora de educação física em sua juventude e nunca frequentou qualquer tipo de escola de artes. Afirmou ser uma criadora de obras e busca trabalhar com novas e diferentes técnicas. Em 1984 inaugurou a Fundação *O Mundo Ovo de Eli Heil*, com um acervo de cerca de duas mil obras.

Z. - Como foi que a senhora descobriu as artes plásticas?

Eli Heil - Fiquei grávida cinco anos para renascer e nascer em borboletões. A arte para mim é a expulsão dos seres contidos e doloridos em grandes quantidades em um parto colorido. *O Mundo Ovo de Eli Heil* nasceu quando houve a explosão do meu cérebro juntamente com a explosão do meu ovário: pluf, pluf, pluf. Já nasci! Já nasci! Já nasci! Ovo, óvulo, ovário. Eu sou artista que vomita criações. Toda a minha obra é ovo, óvulo, ovário.

Z. - Se é ovo, óvulo, ovário, ela sai de dentro de você. Posso dizer que cada obra representa um sentimento, um estado de espírito do momento em que ela foi feita?

E.H. - É, talvez seja o momento. Por isso que eu digo assim: eu vomito criações. A gente quando vomita não sabe o que vomita, é uma maneira de expressão. Eu digo que vomito criações porque quando estava doente vomitava muito, vomitava diariamente. Um dia fui ao banheiro e vomitei muito, parecia bils pura e, como tinha espuma, parecia que tinha bichinhos, aí disse: meu Deus, eu tô é vomitando criações. Então fiquei conhecida como a artista que vomita criações. São 171 técnicas e tipos de volumes que já criei até hoje.

Z. - O livro Vomitando Sentimentos que está para ser lançado é uma nova forma que a senhora descobriu para se expressar?

E.H. - De expressar tudo. No livro diz tudo. Como é se que diz?! - "matei a cobra e mostrei o pau". Quer dizer que além de uma coisa fiz outra para explicar às pessoas a minha obra. Cada palavra, cada frase, cada poema, são depoimentos poéticos, explica o que eu fiz. É uma arte para explicar a própria arte. O livro conta minha vida artística. Ele iria ser lançado em março, mas com a crise econômica a universidade adiou o lançamento.

Z. - Em 1986 a senhora criou "Adão e Eva", duas gigantes esculturas que ficaram 10 anos no portal para brindar os visitantes. Elas foram derrubadas por caminhões da prefeitura devido a duplicação da SC 401. Como isso influenciou no seu trabalho?

E.H. - Foram derrubadas sem dó nem piedade. Elas não precisavam ter saído dali. Nem a estrada passou ali, foi um vandalismo oficial. A dor foi grande, tanto minha como a do meu marido que ficou muito doente. Expressei tudo em um poema: *A dor de uma artista*.

Z. - E as suas obras?

E.H. - Comecei a fazer muitos nus, eu dizia que era a verdade nua e crua. Meus nus pareciam máquinas nus, muito peito, muita força, como se estivessem empurrando a máquina. Fiquei seis meses sem colorido, não tinha cor, tudo preto e branco. Depois fiz diversos nus brancos,

nus vermelhos, nus azuis. A Eva caída, a Eva deitada. Eles mataram duas crias do meu cérebro; tem a cria da barriga e a cria do cérebro. É bem verdade que a cria da barriga para mim é uma coisa bem diferente, o sentimento do cérebro é bem diferente, mas uma coisa está ligada à outra. A minha dor já foi toda escorrida, armazenada, mas nunca esquecida.

Z. - Qual o significado das cores nessa fase, o branco, o vermelho e azul?

E.H. - O branco é porque tinham me apagado, mataram um pedacinho de mim; o vermelho representa o sangue, a dor; e o azul porque eu queria paz, que me deixassem em paz.

Z. - As suas obras são para a própria coleção ou estão a venda?

E.H. - Tudo o que está exposto na Fundação está tombado. No meu atelier vendo algumas obras para a conservação do *Mundo Ovo*.

Z. - A senhora já participou de exposições?

E.H. - Por todo o Brasil e na França mais de trinta vezes. Este ano recebi da França uma espécie de revista, com quatro páginas só das minhas obras. Já participei de quatro Bienais, Arte Incomum e outras que não lembro o nome.

Z. - Como é saber que sua obra está sendo reconhecida internacionalmente?

E.H. - Eu não tenho reclamação, o mundo inteiro vem me visitar. As pessoas já vêm com cartãozinho para, quando chegarem em Florianópolis, não esquecerem de visitar Eli Heil. Eu sei que sou até mais conhecida lá fora do que aqui dentro. Irônico disso tudo é que sempre digo: eu fiz tudo por vocês e para vocês. É triste mas é verdade, sou mais reconhecida lá fora, aqui eu não sou reconhecida. Tanto que derrubaram o Adão e Eva.

Z. - No início a senhora tinha

O Mundo Ovo de Eli Heil

Artista plástica catarinense planeja o lançamento do livro Vomitando Sentimentos, que conta sua vida artística

objetivo de tornar a sua arte conhecida?

E.H. - Não, quando comecei não sabia de nada. Só sei que quando comecei vomitei mesmo, eu não me interessava se aquilo era bom, queria era botar para fora. Foi quando o professor João Evangelista, crítico de arte, viu a minha obra, se entusiasmou e me levou para Brasília. Depois de dois anos de pintura já fui convidada para expor em Paris. Foi imediato. Eu já tenho em vida, muitos artistas morrem e então se tornam conhecidos. Eu estou tendo a chance de ver a minha obra ser reconhecida ainda em vida.

Z. - Nesta mesma fase houve quem considerasse a sua arte ingênua?

E.H. - No começo eu fui considerada como expressionista primitiva, depois expressionista, surrealista, arte pop, arte incomum. Nem eles sabiam me classificar. Uma vez o Harry Laus me ligou e disse assim: "Eli como é que eu vou te classificar?" - eu disse para ele: "Não tenho rótulo" - aí ele respondeu: "Toda vez que a gente vai aí é outra coisa, outra coisa!". Eu estou sempre em busca do novo.

Z. - O poeta catarinense Harry Laus, também crítico de arte, escreveu sobre o seu trabalho. Em um dos trechos dizia o seguinte: "Uma

liberdade criadora espantosa, perturbando pela descoberta continua de novos atos de expressão com o uso de materiais mais insólitos onde só ela encontra a possibilidade de transformação em obra de arte". A senhora se julga dona de um dom único ou até mesmo exclusivo?

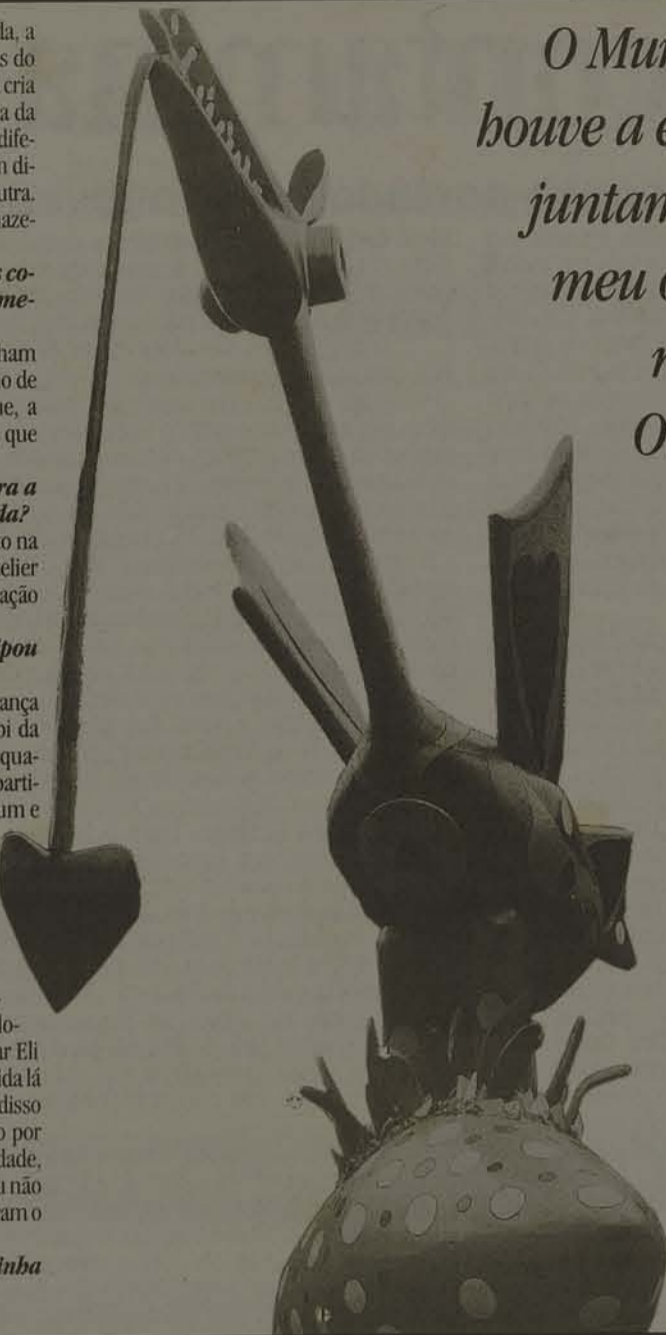
E.H. - Não, eu não, os outros é que dizem. Sou muito humilde para achar isso, e acredito que existem muitos gênios. Mas muitas pessoas que vêm aqui dizem que a minha obra é única, talvez seja porque eu não tenho uma escola, e pelo fato de fazer tudo o que quero e não ter medo. Faço tudo o que vem pela minha frente, ponho tudo para fora, acho que é por isso que sai diferente. Tem artista que tem medo se alguém vai gostar ou não, eu não me preocupo.

Z. - Acredita que a arte como um todo, a expressão artística é um dom ou ela pode ser desenvolvida tecnicamente?

E.H. - Ela pode ser um dom e pode ser desenvolvida. Eu por exemplo sou um dom, nunca desenvolvi nada.

Fernanda Farias

O Mundo Ovo nasceu quando houve a explosão do meu cérebro juntamente com a explosão do meu ovário: pluf, pluf, pluf. Já nasci! Já nasci! Já nasci! Ovo, óvulo, ovário. Eu sou artista que vomita criações. Toda a minha obra é ovo, óvulo, ovário



Eli Heil: tristeza por não ser reconhecida na rua pelos ilhéus

Fotos: Ramiro Pissatti/Zero

Aids contamina 16 mil pessoas por dia em todo o mundo

Metade dos novos portadores são jovens de 15 a 24 anos. Só no ano passado, o governo brasileiro gastou R\$ 350 milhões em medicamentos anti-HIV

Do macaco para o homem

Um estudo revelou que a Aids foi passada ao homem pela ingestão da carne do chimpanzé. Até 1980, nenhum país tinha ouvido falar em Aids. A doença apareceu no final dos anos 70, quando um número crescente de casos raros de câncer (como o sarcoma de Kaposi) e pneumonia foram identificados em homens. O que chamou a atenção dos médicos foi o fato de que esse tipo de doença dificilmente atingiria uma pessoa com sistema imunológico normal. Em meados de 1981, foi detectada pelo Centro de Doenças de Atlanta, uma nova doença que recebeu o nome de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, Sida ou Aids. De junho a novembro de 1981 o Centro de Atlanta confirmou 159 casos de pneumonia e de outras infecções graves. Cerca de 92% dos casos eram de homossexuais ou de bissexuais masculinos de Los Angeles, São Francisco e Nova York. Em 1983, o HIV-1 foi isolado em pacientes com Aids pelos pesquisadores Lu Montaigner, na França, e Robert Gallo, nos EUA. Três anos depois, foi identificado um segundo retrovírus, semelhante ao HIV-1, denominado HIV-2. No mesmo ano, um comitê internacional recomendou o termo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) para denominá-lo, e reconheceu que o vírus era capaz de infectar seres humanos. Com o avanço das pesquisas, verificou-se que grupos de maior risco eram homossexuais, bissexuais masculinos, heterossexuais com vários parceiros, viciados em drogas injetáveis e hemofílicos. Em 1983, foram registrados nos Estados Unidos, 2.259 casos com 917 óbitos. Lá, em junho de 1987, a Aids infectava uma pessoa a cada minuto e meio. Calculava-se que existiam três milhões de portadores da doença nos EUA. No Brasil, o primeiro caso foi registrado em 1983. Quatro anos depois, as estatísticas estimavam 1.542 portadores de HIV, atualmente, este número passa dos 140 mil.

Até 1980, nenhum país tinha ouvido falar em Aids. A doença apareceu no final dos anos 70, quando um número crescente de casos raros de câncer (como o sarcoma de Kaposi) e pneumonia foram identificados em homens. O que chamou a atenção dos médicos foi o fato de que esse tipo de doença dificilmente atingiria uma pessoa com sistema imunológico normal. Em meados de 1981, foi detectada pelo Centro de Doenças de Atlanta, uma nova doença que recebeu o nome de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, Sida ou Aids. De junho a novembro de 1981 o Centro de Atlanta confirmou 159 casos de pneumonia e de outras infecções graves. Cerca de 92% dos casos eram de homossexuais ou de bissexuais masculinos de Los Angeles, São Francisco e Nova York. Em 1983, o HIV-1 foi isolado em pacientes com Aids pelos pesquisadores Lu Montaigner, na França, e Robert Gallo, nos EUA. Três anos depois, foi identificado um segundo retrovírus, semelhante ao HIV-1, denominado HIV-2. No mesmo ano, um comitê internacional recomendou o termo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) para denominá-lo, e reconheceu que o vírus era capaz de infectar seres humanos. Com o avanço das pesquisas, verificou-se que grupos de maior risco eram homossexuais, bissexuais masculinos, heterossexuais com vários parceiros, viciados em drogas injetáveis e hemofílicos. Em 1983, foram registrados nos Estados Unidos, 2.259 casos com 917 óbitos. Lá, em junho de 1987, a Aids infectava uma pessoa a cada minuto e meio. Calculava-se que existiam três milhões de portadores da doença nos EUA. No Brasil, o primeiro caso foi registrado em 1983. Quatro anos depois, as estatísticas estimavam 1.542 portadores de HIV, atualmente, este número passa dos 140 mil.

Mariana Cordeiro

A cada dia, 16 mil novas pessoas são contaminadas com o vírus da Aids em todo o mundo. Até 1998, 11,7 milhões de pessoas já perderam suas vidas com a doença. Calcula-se que hoje no mundo 35 milhões de pessoas estejam contaminadas com o vírus. Cinco crianças são infectadas a cada minuto pelo HIV, e metade das novas infecções ocorrem entre jovens de 15 a 24 anos. Embora hoje uma a cada 100 pessoas sexualmente ativas na faixa dos 15 aos 49 anos esteja vivendo com o vírus, somente uma pequena fração delas sabe que está contaminada, pois podem passar anos até que apareçam os primeiros sinais da doença.

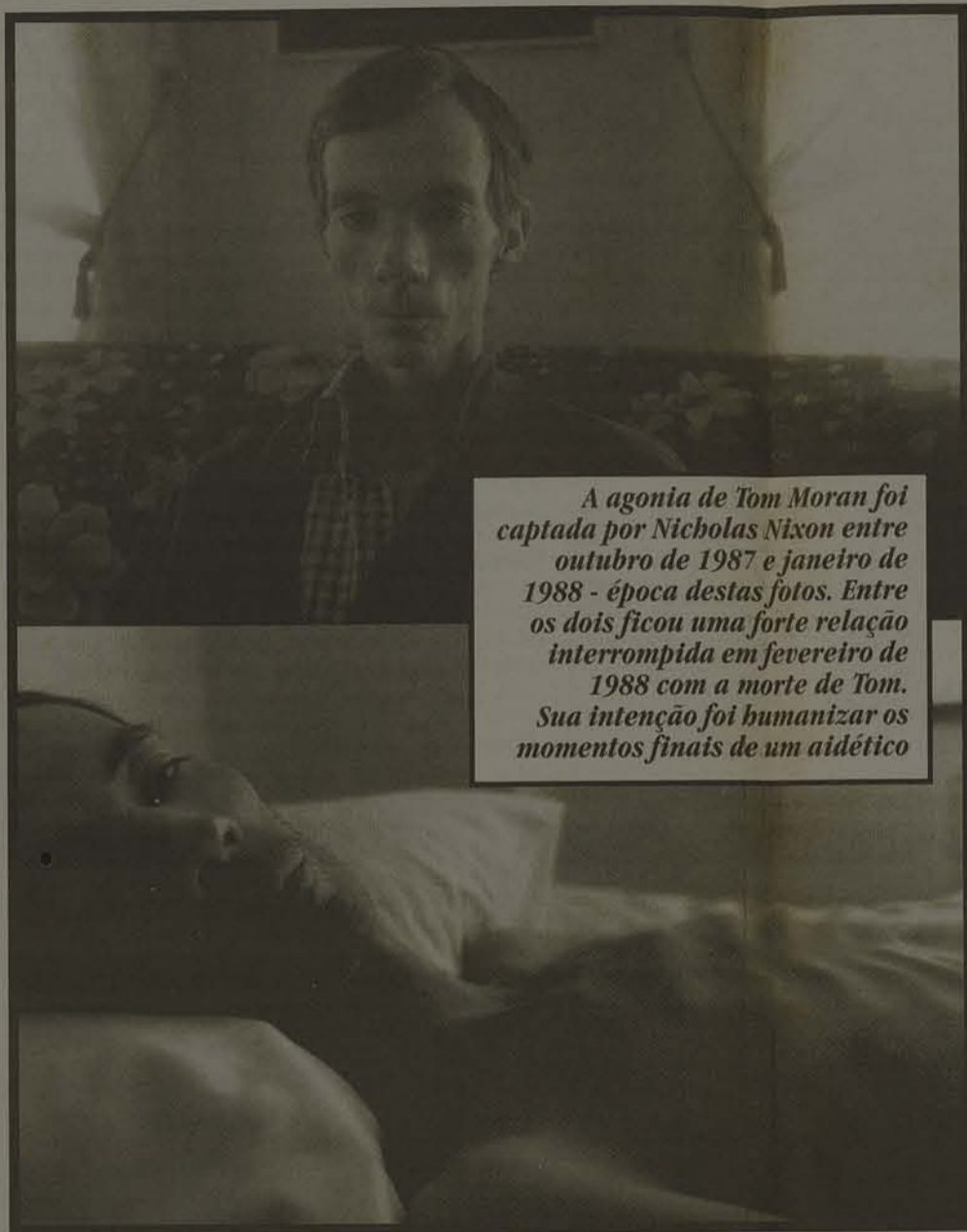
Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 90% das pessoas com Aids são de países em desenvolvimento, sendo a África o continente mais afetado. Um estudo feito na África do Sul mostrou que 13% das adolescentes grávidas eram soropositivas, e 9,5% delas haviam sido infectadas antes dos 15 anos. Um dos pontos que a OMS salienta são serviços de saúde mais acessíveis aos jovens, onde eles se sintam confortáveis em discutir assuntos relacionados a sexualidade. "Quando um jovem se contamina com uma doença sexualmente transmissível, ele pode demorar semanas, meses, ou no caso da Aids, anos até procurar tratamento médico", afirma a diretora geral da OMS, Dra. Gro Harlem Brundtland. Segundo ela, um serviço de saúde precário na relação com o jovem pode estar impedindo que eles adotem um comportamento seguro desde o início da vida sexual.

Novos medicamentos para o tratamento da Aids têm mostrado resultados satisfatórios a curto prazo, prolongando a vida do paciente e reduzindo a ocorrência de infecções oportunistas. Com o uso de agentes anti-HIV em gestantes ocorre uma redução de quase 70% na possibilidade de transmissão do vírus da mãe para a criança. Apesar dos excelentes resultados, a eficácia a longo prazo da terapia não pode ainda ser calculada, pois o organismo dos pacientes está sujeito a resistência aos medicamentos. Nenhuma droga disponível hoje pode ser considerada ideal, devido a uma série de efeitos colaterais. Além disso sua eficácia depende de fatores como o comprometimento do paciente em seguir com rigor a prescrição médica. O tratamento para Aids difere de paciente para paciente dependendo da carga viral que ele apresenta, e das condições imunológicas em que se encontra o organismo. A terapêutica normalmente hoje recomendada envolve o cumprimento de horários (duas ou três doses por dia) e um grande número de comprimidos (de 20 a 25 unidades por dia em média). Caso o paciente não faça o tratamento, mesmo que parcial, o vírus pode não ser combatido, pois cria resistência. Isso dificulta um tratamento posterior, não só do paciente envolvido, mas de todos aqueles que venham a se contaminar com ele.

Atualmente, o custo dos medicamentos do anti-HIV no Brasil é mais baixo do que em muitos outros países, devido à produção de vários desses medicamentos pelos laboratórios estatais (Lafep, Furp e Iquego) e pelas compras em grandes quantidades efetuadas pelo Ministério da Saúde. Um tratamento combinando três drogas anti-HIV custa em média R\$ 8 mil por ano. Porém a terapia dupla gasta todo ano por paciente uma quantia média de R\$ 5 mil. Segundo a Coordenação de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids do Ministério da Saúde foram gastos em 1998 em torno de R\$ 350 milhões em medicamentos anti-HIV.

Contudo a terapia para tratamento da Aids não se resume aos medicamentos específicos de combate ao vírus. Devido a baixa imunidade do organismo contaminado, este se torna um ambiente favorável ao surgimento de doenças oportunistas, que normalmente não se desenvolveriam em um sistema imunológico normal. As doenças oportunistas mais relacionadas à Aids são a herpes, as pneumonias, a candidíase e a toxoplasmose.

Sara Faraci



A agonia de Tom Moran foi captada por Nicholas Nixon entre outubro de 1987 e janeiro de 1988 - época destas fotos. Entre os dois ficou uma forte relação interrompida em fevereiro de 1988 com a morte de Tom. Sua intenção foi humanizar os momentos finais de um aidético

Sara Faraci

Cidades de SC lideram o ranking

Desinformação, prostituição e drogas injetáveis aumentam os casos

Pesquisas feitas pelo Ministério da Saúde revelam que Florianópolis ocupa o terceiro lugar em incidências de casos de Aids no país. Desde 1973, a capital já registrou 598,5 casos por 100 mil habitantes, perdendo apenas para Itajaí e Balneário Camboriú que têm 757,7 e 658,6 casos registrados respectivamente. Para o chefe do Programa Estadual de Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Aids da Secretaria da Saúde, Elma Fior da Cruz, o uso de drogas injetáveis é um grande colaborador para o aumento da proliferação da doença na Capital.

Para combater esse agravante o programa estadual de combate a Aids procura junto ao Gapa fazer a troca de seringas usadas por outras descartáveis. Mas apesar dos acertos com o Ministério da Saúde, esse tipo de ação ainda é vítima de preconceito por parte dos cidadãos e da própria polícia federal. A chefe do programa critica esse tipo de atitude. "Dizer que a seringa estimula o uso de drogas é o mesmo que dizer que fabricante de copo estimula a bebida." Mas nem sempre os problemas são relacionados àqueles que portam o vírus.

O enfermeiro Luís Fernando Martins, coordenador do Projeto Consciência do Gapa, reclama das dificuldades causadas pela falta de in-

formação cedida a portadores do HIV. Ele diz que muitos vão ao Gapa exigindo alimentação e moradia, como se realmente o fato de portarem o vírus lhes dessem esses direitos.

O enfermeiro acredita que há uma deficiência nos serviços de prevenção da Aids prestados pelo governo. Afirma ainda que poucas pessoas sabem que basta ir a um posto de saúde para conseguir "camisinhas" e informações a respeito da Aids. Luís reclama da falta de constância das campanhas estaduais de prevenção. "As autoridades têm que ter a preocupação de que a conscientização deve ser todo dia, e não somente em datas especiais". Mesmo realizando o trabalho de distribuição de preservativos, Luís salienta que a prefeitura não instrui o público na hora da entrega.

De acordo com a constituição, toda e qualquer pessoa que tem problemas de saúde, sendo portador do HIV ou não, deve ter acesso a um atendimento de qualidade e aos medicamentos necessários, todos fornecidos pelo Estado.

Nas Ruas - O Projeto Consciência, coordenado por Luís Fernando, trabalha na recuperação de garotos de programa. Com esse trabalho o Gapa favorece o retorno a escola, o ingresso a cursos profissionalizantes, além de proporcionar esclarecimentos a respeito da Aids e doenças sexualmente transmissíveis. Dessa forma o grupo procura rein-

tegrar à sociedade vários jovens, de 12 a 21 anos, envolvidos com a prostituição.

De segunda à sexta Luís faz sua ronda pelas ruas de Florianópolis a procura de garotos de programa que estejam interessados em informações e algum apoio. Todos os dias o enfermeiro sai às 19h de casa e retorna às quatro da manhã, com a certeza de que cumpriu o seu trabalho. "É bom quando você chega em casa e sente que realmente fez alguma coisa".

Atualmente Luís trabalha com 203 garotos. Destes, 38 já exercem alguma profissão fora das ruas e ajudam no andamento do programa. Mesmo estando satisfeito com o desempenho deste e de outros projetos coordenados pelo Gapa, ele acha que o grupo necessita de toda a ajuda possível. De acordo com Luís, é difícil encontrar pessoas que estejam dispostas a colaborar com o trabalho feito na ONG. "Não se vê com o olho da solidariedade, se vê mais com o olho da curiosidade".

Dentre os programas e lares coordenados pelo Gapa estão o Desperta Mulher, direcionado a mães portadoras e a seus filhos. O lar Recanto do Carinho abriga crianças de 0 a 12 anos, filhos ou órfãos de pais portadores do vírus.

Para se obter respostas à algumas dúvidas relativas à Aids basta ligar 1510. Esse telefone funciona das 13h às 16h, e conta com voluntários do Gapa, preparados por profissionais para responder ao público.

Frederico Carvalho

Risco de contágio não impede a infidelidade

Cerca de 40% de pessoas adúlteras não usam preservativos em suas relações fora do matrimônio, por isso correm o risco de ser infectados e de transmitir o vírus para seu cônjuge. É o que indica uma pesquisa internacional realizada por uma empresa de preservativos divulgada pelo jornal argentino *Ámbito Financiero*.

A Aids não alterou o comportamento sexual da metade dos entrevistados. Os menos receptivos às mensagens de prevenção, segundo a pesquisa, são os maiores de 40 anos. Na maioria dos países, pessoas que não usam preservativos de modo sistemático chegam a 86%, mas o fato de conhecer pessoas contaminadas altera o comportamento. Os que mais temem o vírus estão no México e na África do Sul e os menos preocupados são os habitantes de Hong Kong e da Grã Bretanha.

Dos entrevistados, 37% afirmou ter sido infiel uma vez, 23% disse que o é regularmente e cinco por cento, que é frequentemente infiel. Mais de um terço das pessoas entrevistadas são indiferentes ao risco de contágio. Responderam a pesquisa 10 mil pessoas, entre 16 e 45 anos de idade, em 14 países: África do Sul, Alemanha, Austrália, Canadá, Espanha, França, Grã Bretanha, Estados Unidos, Hong Kong, Itália, México, Polônia, Rússia e Tailândia.

População feminina pede socorro

Mulheres têm dez vezes mais chances de contrair o vírus

O aumento progressivo dos casos de Aids em mulheres tem sido uma das características recentes da epidemia. Segundo o Programa das Nações Unidas para a Aids (UNAIDS), 40% das novas infecções que ocorrem diariamente no mundo, atingem mulheres.

No Brasil também se verifica o aumento do número de casos de Aids notificados entre essa população. Em 1985, no início da pandemia, foram registrados 40 homens portadores da doença para cada mulher. De acordo com o último boletim epidemiológico divulgado pelo Ministério da Saúde, a proporção desde o início da epidemia era de quatro homens para cada mulher, alcançando, entre 1997 e 1998, dois casos masculinos para cada feminino. Na faixa dos 15 aos 24 anos, a média é de um homem para cada mulher com Aids.

A relação heterossexual é a que mais tem contribuído para a "feminização" da pandemia, em escala mundial. O aumento de ocorrências de casos de Aids entre usuárias de drogas injetáveis, a partir da segunda metade da década de 80, e o crescimento, a partir dos

anos 90, de casos cuja via de infecção foram relações heterossexuais são, sem dúvida, fatores que têm conduzido ao perfil apresentado. Além disso, 40% das mulheres de 15 a 24 anos, não usuárias de drogas e que se infectaram por relações heterossexuais, têm como fonte de infecção parceiros usuários de drogas injetáveis.

A explicação para esses dados é de que a mulher possui dez vezes mais chances de contrair o vírus em uma relação heterossexual. O homem só se contamina durante o sexo caso haja ferimento no pênis. O esperma contaminado tem uma concentração de vírus várias vezes maior do que a encontrada na secreção vaginal. Além disso, o tempo de permanência do pênis em contato com a secreção vaginal é muito menor do que a da mulher em contato com o esperma.

Existem ainda outros fatores que colaboram para essa tendência. Nota-se, por exemplo, que a Aids vem atingindo mulheres com baixos níveis de escolaridade. Mais de 50% das portadoras do HIV no país, só completaram o primeiro grau.

O aumento do número de partos na faixa de 10 a 14 anos - 1% do total realizados pelo Sistema Único de Saúde em 1996 - aponta o início cada vez mais precoce das relações sexuais e o não uso de preservativo. Grande parte dos casos de Aids entre mulheres no Brasil ocorre entre 25 e 34 anos. Como o período de incubação da doença é, em média, de dez anos, as adolescentes é

que vêm contraindo a doença.

As gestantes soropositivas também são uma das fontes mais frequentes de estudos, com o objetivo de aprimorar as formas de prevenção e assistência. A transmissão vertical (da mãe para o filho) é a principal via de infecção do HIV na população infantil, correspondendo, no país, por 79% dos casos entre menores de 13 anos - cerca de 3% do total geral de casos. Estudos realizados nos Estados Unidos e na França revelam que o tratamento com AZT injetável durante o parto reduz em até 70% a transmissão vertical do HIV, que ocorre em quase metade das crianças nascidas de mães portadoras do vírus.

Outro fator que preocupa os pesquisadores, é o de que as mulheres morrem mais da doença. Os homens costumam sobreviver em média 23 meses quando o sarcoma de Kaposi, um tipo de câncer de pele característico em pessoas com Aids, apresenta os primeiros sinais. As mulheres sobrevivem apenas 9 meses na mesma condição.

Arções deste menor tempo de sobrevivência seria a demora das mulheres em procurar cuidados médicos. O reflexo é visto no aumento de 3% no número de mortes entre mulheres por causa da Aids nos Estados Unidos no ano passado. Enquanto isso a taxa entre os homens diminuiu 15%.

Mariana Cordeiro

Cifras do estado são alarmantes por falta de sexo seguro	
Número de infectados para cada cem mil habitantes	Capitais com o maior número de infectados
Itajaí 757,7	São Paulo 32.100
Balneário Camboriú 658,6	Rio de Janeiro 12.172
Florianópolis 598,5	Porto Alegre 4.125
São Paulo 211,7	
Rio de Janeiro 140,8	Principais meios de infecção
Distrito Federal 117,1	Relação sexual desprotegida 53%
	Drogas injetáveis 21%
Estados com o maior número de infectados	Escolaridade dos infectados nos últimos 17 anos
São Paulo 65.044	Analfabetos 5%
Rio de Janeiro 18.453	1º grau 59%
Minas Gerais 8.221	2º grau 22%
	Curso superior 14%

Fonte: Ministério da Saúde /1999

Maria acreditou no drogado do marido

Vinte e sete anos, seis filhos, viúva há um ano. Contraiu o vírus HIV do marido, usuário de drogas injetáveis. "Quem me olha não diz, né?" - sorri Maria. Forte, sem sinais aparentes da doença, realmente quem olha não acredita.

Casou com quatorze anos e, até enviuvar, nunca teve outro relacionamento. Ele nunca contou para ela que estava com Aids e mesmo assim continuou mantendo relações sexuais sem preservativo.

A suspeita de contaminação surgiu após a morte do marido. Ela foi chamada pelo médico que cuidava dele e pela primeira vez se viu diante da possibilidade de ter o vírus. Sem saber que o marido usava drogas injetáveis, a surpresa foi imensa: "Eu sabia que ele fumava maconha e cheirava cocaína, mas nunca soube que se injetava, nunca vi uma marca." Assim, Maria nunca relacionou as constantes doenças dele com a Aids.

Durante três meses, Maria se recusou a fazer o teste para saber se tinha sido contaminada. Nesse tempo só bebeu e chorou. O pai chegou a interná-la numa clínica para alcoólatras. Saiu de lá determinada a provar que não tinha o vírus. Foi fazer o teste no Hospital Universitário, mas só teve coragem para receber o resultado dois meses depois. Com a confirmação, o desespero foi imenso. "Ali não vi mais nada. Desmaiei", lembra Maria.

Esse diagnóstico abria outra série de questionamentos ainda mais difíceis para ela. Como estava infectada, era possível que tivesse contaminado seus filhos. Os médicos enquadraram os três últimos como "situação de risco". Um deles, que hoje tem quatro anos, foi infectado e já apresentou sinais da doença. Este é o lado mais triste daquilo que ela chama de pesadelo. "Não sei se agradeço a Deus pelos outros não terem ou se brigo com ele por este ter. É triste demais ver meu filhinho sofrendo. Acho injusto porque só tive um homem e olha o que foi acontecer...".

Maria tem encontrado apoio e força na família e nos poucos amigos que sabem que ela é portadora do vírus. Procura levar uma vida normal, mas reconhece que é muito difícil. O medo do futuro é grande e preocupa-se com seus filhos saudáveis e o que acontecerá com eles se morrer. "Gostaria de poder deixá-los já crescidos, aí não me importaria se Deus me levasse".

Católica praticante, foi na igreja que encontrou seu atual namorado. Começaram o relacionamento sem que ele soubesse que ela é soropositiva. Ele não é portador. Hoje, com tudo esclarecido tem sido um grande apoio para Maria. "Antes de contar para ele eu terminei tudo, pensava não ser justo envolvê-lo nessa história. Mas ele quis me namorar mesmo assim, e hoje levamos uma vida bem normal, como qualquer casal de namorados. Para transar

eu e ele usamos camisinha."

Para manter o controle da doença, Maria vai todo mês ao médico infectologista. Não toma nenhum remédio. O filho, que já teve pneumonia, toma a combinação de remédios usualmente chamada de coquetel. Está reagindo bem. Já ganhou peso e estabilizou o quadro infeccioso.

Maria aprendeu a não fazer planos a longo prazo. Planeja o ano que vive. Ano passado, realizou um sonho de adolescência: concluiu um curso de informática.

Hoje procura saber tudo a respeito de Aids, desde tratamentos até como lidar com o preconceito. Usa a informação para melhorar sua vida e a de seu filho. Presta ainda um trabalho voluntário de assistência a portadores, na fase difícil de aceitação do diagnóstico.

Pensa em trazer o debate sobre a Aids para a comunidade. "Ninguém está livre. É preciso que se diga e repita muito isso", fala Maria. Este depoimento comprova o permanente risco da doença. Maria casou-se com quatorze anos, nunca traiu o marido, nunca usou drogas, nem fez transfusão de sangue, é soropositiva e contaminou o filho de quatro anos. Ninguém mais está livre.

Lúcia de Barros

Pesquisa pioneira no Brasil

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) no Rio de Janeiro, é o único polo de pesquisa sobre o vírus da Aids na América Latina. O anúncio foi feito pelo coordenador nacional do Programa de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids do Ministério da Saúde, Pedro Chequer, no dia 27 de Fevereiro. A novidade veio depois que o diretor-executivo do Programa das Nações Unidas para Aids (UnAids), Peter Piot, assinou um convênio inédito com a Fundação. "Ela foi escolhida porque é um centro de referência na América Latina, com tradição no trabalho de Aids e pioneira na parceria com o Ministério da Saúde nessa área", explica o diretor. A Fiocruz foi a primeira instituição do País a isolar o HIV em 1987. O Instituto de Saúde do México será o outro polo a receber apoio oficial da ONU para pesquisas contra a Aids. Pedro não quis comentar o valor do convênio, mas disse que a questão já está sendo discutida.

Clarissa Moraes

Habilitação fica 863% mais cara

Novo código obriga futuros motoristas a frequentar a auto-escola

Desde o dia dois de março, os candidatos à Carteira Nacional de Habilitação em Santa Catarina estão obrigados a frequentar, em Centros de Formação de Condutores, um curso que ensinará desde legislação de trânsito até noções de mecânica e manutenção de veículos. É o que diz a resolução número 74 do novo Código de Trânsito Brasileiro. O Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN) definiu que são necessárias 30 horas de aulas teóricas e 15 aulas práticas.

Para conseguir a carteira de motorista, os candidatos terão de cursar as seguintes matérias de acordo com a habilitação pretendida: legislação de trânsito e normas baixadas pelo Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN), direção defensiva, proteção ao meio-ambiente, prática de direção veicular, noções de cidadania e segurança no trânsito, relações públicas e humanas, noções de mecânica e manutenção veicular, especialização na condução de veículos da habilitação pretendida, funcionamento

do veículo e uso dos seus equipamentos e acessórios, prática de direção veicular em via pública e em situação de risco, observância da sinalização de trânsito e regras de circulação e fluxo dos veículos nas vias.

Para a prática da direção em via pública, o candidato à obtenção da Permissão para Dirigir - primeira habilitação, válida por um ano - deverá portar a Licença para Aprendizagem de Direção Veicular, expedida pelo Departamento de Trânsito (DETRAN) somente aos alunos que tenham sido aprovados nos exames de aptidão física e mental, psicológico, legislação de trânsito e noções de primeiros socorros.

Os Centros de Formação, credenciados pelo DETRAN, terão de se adaptar às suas exigências. A partir de agora, será obrigatório que possuam diretoria de ensino, equipe de instrutores, infraestrutura física adequada, segurança, conforto e higiene, veículos automotores de no máximo oito anos de fabricação e um simulador de direção ou veículo es-

tático, quando credenciada para o ensino da prática de direção. Para conseguir credencial do órgão de trânsito competente, os centros de formação de condutores são classificados da seguinte maneira: A para ensino teórico-técnico, B para ensino da prática de direção e A/B para ensino teórico e prático.

O DETRAN vai fiscalizar as escolas através da criação das Controladorias Regionais de Trânsito (CRTs), que não têm data marcada para começar a funcionar. A elaboração das provas para obtenção da carteira de motorista passa a ser de responsabilidade das CRTs, que devem atender em média 250 mil condutores cada. Essas entidades possuem diretoria, administração, corpo de avaliação, auditoria e examinadores com capacitação na área de formação de condutores.

Os instrutores dos centros devem frequentar um curso no DETRAN, possuir certificado aprovado pela CRT, 2º grau completo para ensino técnico-teórico e 1º grau completo para ensino de direção. A autorização concedida deve ser renova-

da a cada 180 dias.

O custo para conseguir a carteira de motorista aumentou 863%. Antes da nova lei, os candidatos gastavam R\$ 48,85 - R\$ 19,54 com o exame de saúde e R\$ 29,31 com a expedição do documento. Agora, os centros de formação cobram R\$ 4,03 por cada aula teórica e R\$ 20,12 pela prática, num total de R\$ 422, excluindo as taxas do DETRAN, que continuam as mesmas.

Quem precisar renovar a habilitação também vai ter de passar por um mini-curso. "O objetivo das mudanças não é apenas diminuir o número de acidentes, mas educar toda a área de trânsito. Os exames ficaram muito mais rigorosos e o condutor não tem de ser somente bom, mas também educado", disse o diretor adjunto do DETRAN, Major Ivon Souza, que não sabe como ficará a situação de quem não tem condições financeiras para pagar o curso nos centros de formação.

Larissa Junkes

UFSC inaugura três novos cursos

São duas Engenharias e o pioneiro Comunicação Visual

A movimentação de calouros no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em abril, quando começa o primeiro semestre de 99, vai ser maior devido aos três novos cursos criados: As engenharias de Materiais e de Aquicultura e o primeiro curso de Comunicação e Expressão Visual do país. No primeiro vestibular, o curso de Comunicação e Expressão Visual foi o mais procurado entre os três, com 703 inscritos, registrando um índice de 11,7 candidatos por vaga. Já o índice de Engenharia de Aquicultura ficou em 4,25 e o de Engenharia de Materiais, 3,21. Cada curso oferece um total de 60 vagas, 30 no primeiro período e as demais no segundo período.

Alguns universitários, ainda indecisos, abandonaram seus antigos cursos apostando na novidade. É o caso de Sabrina Petermann, que cursava Jornalismo e optou por Comunicação e Expressão Visual. Ela ainda tem algumas dúvidas sobre a formação do curso, justamente por ser a primeira turma, mas diz que a conversa com profissionais da área animou a troca. Eles afirmam que por falta de um curso específico, este mercado tem muito para progredir no Estado. "Vou estudar animação gráfica, aprender a fazer objetos em 3D (terceira dimensão), quadrinhos, logotipos e páginas para Internet", diz a nova caloura.

Aqui vão algumas explicações sobre os novos cursos e seus respectivos mercados de trabalho.

Débora Tozzo



Wagner Maia/Zero

Dois especializações: Comunicação Visual e Design Gráfico

Saiba o que cada um oferece

Engenharia de Materiais

Se dedica a desenvolver novos e melhores materiais que resultem em economia nas indústrias automotiva, aeroespacial, eletrônica e de telecomunicações. O desenvolvimento tecnológico impõe exigências cada vez maiores aos profissionais da área. Hoje, o grande desafio para esses profissionais é a utilização em larga escala da energia solar. As tecnologias de produção de bens de consumo possuem um desenvolvimento constante, com modificações muito drásticas em curtos períodos de tempo.

Para atender a esses objetivos, o currículo tem por parâmetros a tecnologia de ponta. Segundo Marcio Fredel, membro do colegiado do curso de Graduação de Materiais, o currículo prevê uma rápida integração do aluno com a parte profissional e a tecnologia do mercado. Isto será alcançado através de um intensivo aprendizado em laboratórios, execução de projetos, ensino à distância e estágios nas indústrias.

Matérias ligadas a estrutura, processamento e as propriedades dos materiais, assim como disciplinas de formação básica, serão enfatizadas no início do curso. A estrutura curricular é complementada com disciplinas na área de gestão e de formação humanística. Entre o segundo e terceiro anos, é previsto um estágio de seis semanas na indústria, possibilitando contato com a realidade do meio produtivo. Para este fim, a UFSC conta com o Centro Tecnológico em Cerâmicas, em Criciúma, além da Unidade do Senai, em Tijucas, que também poderá ser usada para estudos.

O mercado de trabalho para os engenheiros de materiais é muito promissor. Só em Santa Catarina há duas mil empresas atuando no setor, principalmente nas cidades de Criciúma, Joinville, Blumenau e Itajaí. "Os grandes compradores de alunos serão o Paraná e o Rio Grande do Sul, com as novas montadoras de veículos", diz Fredel, do curso de Graduação de Materiais. Segundo Fredel, o salário iniciante para um engenheiro de materiais no sul do país varia entre R\$ 1.000 e 1.500.

Comunicação e Expressão Visual

Desde 1994 uma comissão vinha discutindo e planejando um curso que formasse profissionais aptos e capazes de trabalhar no novo mercado de informação, usando o computador e as novas tendências de comunicação e design gráfico. Pesquisas feitas pela Internet constataram a existência do Curso de Engenharia Visual nos Estados Unidos. No Brasil não há nem um outro curso similar e foi adaptando os currículos estrangeiros que a UFSC criou a graduação em Comunicação e Expressão Visual. Segundo o professor José Arno do Departamento de Expressão Gráfica, o MEC orientou para que após dois anos de funcionamento, seja entregue o pedido de regulamentação do novo curso.

O profissional de Comunicação e Expressão Visual deve redefinir o universo do projeto gráfico, que compreende planejamento, produção e divulgação de bens e de serviços, com a perspectiva de reengenharia dos sistemas atualmente existentes. Arno diz que hoje este profissional ainda não existe e o próprio curso terá que conquistar um mercado de trabalho, até agora pouco conhecido. "O profissional de Expressão Visual pode, por exemplo, trabalhar no ramo da engenharia civil, construindo maquetes eletrônicas, ou no processamento das imagens", diz Arno. Outra possível área de trabalho citada pelo professor seria a comunicação visual na área de Turismo, ou num *shopping* bem informatizado.

O calouro do novo curso vai aprender técnicas de processamento da imagem, criatividade, psicologia da percepção, projeto gráfico informatizado e infodesign. O curso também oferece disciplinas optativas que complementam a formação, tais como: animação, quadrinhos e imagens 2D e 3D. Na sétima fase, o aluno deve escolher entre as duas opções de especialização: em Comunicação Visual ou Design Gráfico Informatizado e no último semestre, apresentar um trabalho de conclusão, além de desenvolver um estágio profissional num total de 480 horas, para contato com o ambiente profissional.

Engenharia de Aquicultura

A idéia de pesca como economia extrativista está mudando. O que antes era apenas extrair plantas e peixes da água, hoje passa a ser cultivá-los. Por isso a Aquicultura, que é uma atividade dedicada ao cultivo de diferentes espécies de peixes, crustáceos, moluscos e plantas aquáticas, revela-se como uma valiosa alternativa de produção de alimentos. O engenheiro de aquicultura estuda a biologia e os parâmetros físico-químicos que levam ao cultivo sem a dependência dos recursos existentes nos ecossistemas, na busca de um ciclo artificial.

O calouro de aquicultura estuda disciplinas básicas de química, física e matemática, além de matérias ligadas ao meio ambiente e ecologia aquática, citologia, zoologia, nutrição e reprodução de organismos aquáticos, além de matérias de ciências sócio-econômicas e engenharias. As aulas práticas serão ministradas nos laboratórios de moluscos marinhos e nas estações de aquicultura da UFSC.

Segundo Fernando Jaeger, um dos interessados no curso, o setor que está em alta em Florianópolis é a maricultura (fazendas de mariscos). Ele afirma que a cidade é um grande mercado de trabalho devido as suas condições geográficas e econômicas. "A tendência é o homem passar a buscar cada vez mais o mar como fonte de alimento. Santa Catarina tem um extenso litoral e a aquicultura exige pouco investimento, se comparado a outros setores", diz Jaeger.

Para o oceanógrafo e técnico do laboratório de peixes da UFSC, Israel Dinis, atualmente os empresários estão se interessando pela criação de peixes e camarões em gaiolas, aumentando a oferta de trabalho, além da opção pela docência. "Ainda há muito o que pesquisar e descobrir na área de aquicultura", diz Dinis.

A faixa salarial em Santa Catarina varia em torno de R\$ 2.000, enquanto que nas regiões Norte e Nordeste do país o salário do engenheiro de aquicultura fica abaixo dos R\$ 1.500.

Governo quer se livrar da área social

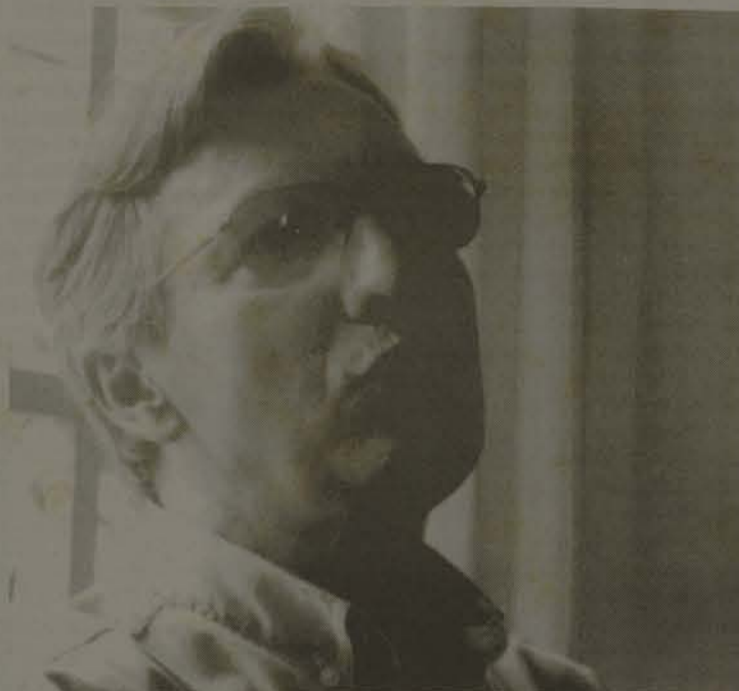
ONGs recebem de bandeja o controle da educação, saúde e cultura

O governo federal vai passar o controle de universidades, hospitais, museus e centros de pesquisa públicos para o que chama de *organizações sociais* — ONGs promovidas por decreto para receber dinheiro e usar equipamentos do Estado. A *publicização* de estatais da área social é a nova estratégia do governo para reduzir o Estado, somando-se às privatizações no setor produtivo.

A transferência de responsabilidades como educação, saúde, cultura e pesquisa científica integra os planos do Ministério da Reforma do Estado (Mare) para corrigir a "maciça intervenção estatal no mercado". Ao mesmo tempo, a estratégia é apresentada como melhor do que a "inadequada ideologia neoliberal do Estado mínimo".

A intenção do governo é delegar ao "setor público não-estatal" — que não é de propriedade privada nem estatal —, os serviços que não requerem o poder do Estado mas precisam do seu financiamento. As atividades sociais provocam, segundo o Mare, uma "sobrecarga de demandas" no governo federal.

Como definidas no projeto do atual ministro da Ciência e Tecnologia e ex-chefe do Mare, Luiz Carlos Bresser Pereira, as organizações sociais (termo inventado por ele, assim como



Carlos Alberto Adi: ONGs "picaretas" vão proliferar em breve

publicização) são associações civis sem fins lucrativos, financiadas e fiscalizadas pelo Estado, que cobrará resultados estabelecidos em contrato. Não estão sujeitas aos regulamentos da administração pública — licitações, concursos e tabelas salariais serão substituídos por normas próprias de cada instituição. Além de maior autonomia administrativa, o Mare apresenta como vantagem das orga-

nizações sociais uma participação maior da sociedade civil, que terá representantes nos conselhos administrativos.

As duas primeiras organizações sociais surgiram no início do ano passado, com a publicização da Fundação Roquette Pinto, emissora de rádio educativa do Rio de Janeiro, e do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, centro de pesquisa de Campinas.

Privatização dissimulada - O projeto de publicizações do Mare encerra aspectos não tão favoráveis, aos olhos do professor da Ufsc Carlos Alberto Adi Vieira, que faz pesquisa de doutorado sobre ONGs internacionais. O professor antecipa problemas como a proliferação de empresas inescrupulosas — "para não dizer picaretas" — oferecendo serviços "com fachada de benemerência, mas visando lucro", e a queda da qualidade dos serviços publicizados. "A burocracia do Estado não pode fiscalizar", argumenta. Dirigente da ONG Casa da Mulher Catarina, que presta serviços de saúde em Florianópolis, Clair Castilhos faz críticas semelhantes. "Tem vigarice atrás de financiamento", alerta.

Carlos Alberto Adi afirma que as organizações sociais são uma distorção do modelo de ONG adotado pela ONU e comum na Europa e nos Estados Unidos. Lá, conta o pesquisador, as ONGs surgem por iniciativa da sociedade, e não dependem do financiamento do Estado. Já no Brasil, o governo "quer apenas terceirizar suas incumbências mais elementares". A publicização, conclui o pesquisador, é "uma forma de privatização dissimulada", e diferente, por atingir o setor estatal não-lucrativo.

Leonardo Collares



Menos informação no campus

O projeto multimídia *Universidade Aberta* do Curso de Jornalismo está suspenso desde o início de fevereiro por falta de recursos financeiros. Parte do dinheiro vinha de empresas, mas os contratos não puderam ser renovados e o reitor da Ufsc, Rodolfo Pinto da Luz, diz que a Universidade não tem como manter o projeto sem o apoio privado.

Na quinta-feira, dia 25 de fevereiro, alunos do Curso de Jornalismo pintaram os muros da Universidade pedindo a manutenção do *Universidade Aberta*. realizaram uma passeata pelo campus e conseguiram se reunir com o reitor que reafirmar a posição de não financiar o Projeto. Mesmo assim, os estudantes afirmam que vão continuar lutando.

Com o fim do *Universidade Aberta*, 35 alunos perdem as bolsas que recebiam para trabalhar no projeto, e outros 10, que participavam como extra-curriculares, podem ficar sem os créditos das disciplinas. O *Universidade Aberta* produzia diariamente dois programas para a rádio CBN de Florianópolis, notas informativas para a Itapema FM, um programa para a TV Cultura de Santa Catarina e o *Minuto no Campus* com notícias da Universidade, também veiculado na TV Cultura.

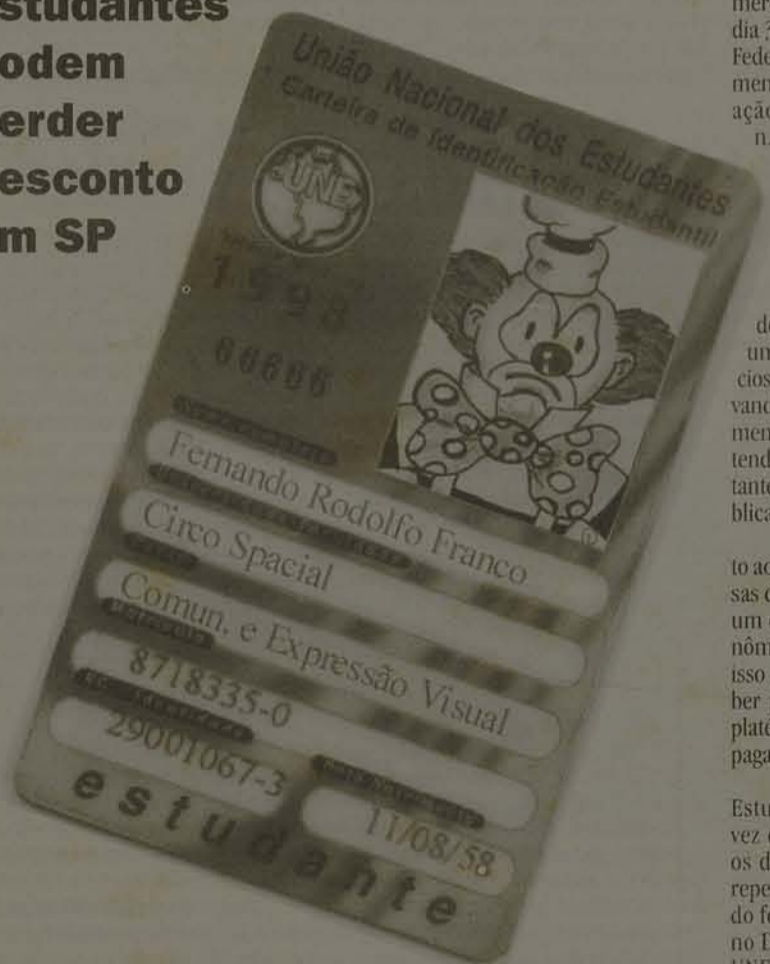
O Projeto também divulgava, em jornais de circulação estadual, pesquisas e estudos realizados na Universidade. Além disso, os alunos mantinham uma página na internet com atualização diária sobre os acontecimentos na Ufsc, trabalho inédito entre as universidades brasileiras. Todo o trabalho era coordenado por seis professores do curso de Jornalismo, que, nos últimos meses vinham excedendo às suas cargas horárias para garantir a qualidade do Projeto.

Com o fim do *Universidade Aberta*, os alunos perdem um espaço onde podiam praticar o que aprendiam nas salas de aula. E a Ufsc, perde uma instituição de comunicação que aproximava a comunidade da universidade e divulgava a produção acadêmica. Os estudantes não se conformam com a suspensão do Projeto e prometem continuar pressionando a reitoria para manter o *Universidade Aberta* que precisa de 13 mil reais por mês para cobrir os custos com bolsistas, funcionários e laboratórios.

O Projeto *Universidade Aberta* teve início em 1991 e desde então vem crescendo consideravelmente. A estrutura melhorou com a aquisição de novos equipamentos, o número de bolsistas e de serviços oferecidos foi ampliado e muitos alunos que passaram pelo Projeto, hoje estão formados e garantem que a experiência foi fundamental para o exercício da profissão.

Ação judicial ameaça meia entrada

Estudantes podem perder desconto em SP



A Confederação Nacional do Comércio (CNC) entrou com uma ação, no dia 3 de fevereiro no Supremo Tribunal Federal (STF), para acabar com o pagamento da meia entrada em São Paulo. A ação quer extinguir a Lei paulista n.7844, de 1992, que garante aos estudantes o direito de pagar a metade dos preços de ingressos em cinemas, teatros, shows, jogos e outros eventos culturais de lazer.

Para a entidade, ao prever o desconto, a Lei paulista representa uma interferência do Estado nos negócios privados. "Tal circunstância está levando os empresários do setor a experimentar repetidos prejuízos, comprometendo o desenvolvimento desse importante segmento da área de diversões públicas".

A CNC apresentou um documento ao STF argumentando que as empresas dedicadas ao lazer não podem fazer um exato planejamento e balanço econômico dos espetáculos. Segundo eles, isso se deve ao fato de ser impossível saber previamente qual percentagem da plateia será ocupada por estudantes que pagam meia entrada.

Segundo a União Nacional dos Estudantes (UNE), não é a primeira vez que uma entidade tenta boicotar os direitos dos estudantes. O fato se repete, sem sucesso, desde 1992 quando foi aprovada a lei da meia entrada no Distrito Federal e em São Paulo. A UNE já está se organizando contra a ação e garante que os direitos estudantis continuarão valendo no estado paulista.

Adiantando-se na disputa, a CNC pediu uma liminar ao STF para suspender a meia entrada até o julgamento definitivo da ação alegando que a lei paulista é inconstitucional. "Não há amparo constitucional para que os estados, intervindo na liberdade econômica, imponham aos agentes econômicos a cobrança de preços diferenciados para determinada categoria da população", garante a confederação.

O diretor da União Catarinense dos Estudantes (UCE), Adriano de Souza, defende a lei das acusações de ilegalidade e inconstitucionalidade. "Há muitas leis inconstitucionais no Brasil e a maioria é a favor dos empresários. A CPMF é uma lei inconstitucional e nada é feito sobre isto". Em relação a Santa Catarina, Adriano diz que nada será afetado. "A UCE acertou um acordo com convênio com as empresas de cinema no estado. Os estudantes pagam meia entrada em determinados dias da semana". Segundo o diretor, se uma empresa quebrar o contrato — que tem duração de um ano — terá que pagar uma multa por estudante prejudicado.

A UNE e a UCE garantem que os empresários da área de diversões públicas não têm prejuízo com a meia entrada. "Essas empresas contam com benefícios do governo. Elas têm descontos nos impostos e através da meia entrada ficam isentas de algumas tarifas", afirma Adriano.

O estudante que for impedido de entrar onde a lei determina, pagando meia entrada, deve procurar um órgão de defesa do consumidor, como o PROCON ou o DECON, além de comunicar às entidades estudantis.

Alanéa Coutinho

Gisiela Klein

Site localiza mortos da I e II Guerras

Internet ajuda famílias de 1,7 milhão de soldados desaparecidos

Se recorressem à Internet, os parentes do soldado Francis Mathew Silva, da Força Aérea Australiana, poderiam ter mais detalhes sobre o filho desaparecido na Segunda Guerra Mundial, aos 21 anos. Saberiam, por exemplo, que Francis morreu num sábado, dia 29 de abril de 1944 e que o nome dele está gravado na lápide 258 do memorial Runnymede, na cidade de Windsor, na Inglaterra, já que o corpo não foi encontrado.

Hoje, lembranças dos que lutaram nas duas guerras mundiais estão eternizadas com a criação de um site de registros de soldados mortos (www.cwgc.org). Esse serviço, lançado no dia 9 de novembro do ano passado, é prestado pela Comissão de Mortos de Guerra da Comunidade Britânica (The Commonwealth War Graves Commission), fundada em 1917 pelo major-general Fabian Ware.

Desde então, a Comissão tem a tarefa de preservar sepulturas e gravar o nome dos soldados em memoriais espalhados por cerca de 2500 cemitérios em 150 países. Os dados estão em um computador central que funciona na sede em Berkshire, no Reino Unido. Nele, um grupo de funcionários localiza, com precisão, a sepultura ou o memorial onde está gravado o nome do soldado morto, além de outros detalhes.

Terminadas as guerras, o número de mortos nas duas batalhas não é exato, mas estima-se que mais de 50 milhões de vidas foram perdidas e que a maioria dos familiares nunca teve notícias dos parentes mortos. Membros da Comunidade Britânica encarregaram-se de preservar a memória de 1,78 milhão de combatentes, entre homens e mulheres. As 934 mil vítimas encontradas foram enterradas em sepulturas individuais. 760 mil soldados não foram achados, e a Comissão construiu memoriais com os nomes gravados em lápides.

Em entrevista por e-mail, o assessor de imprensa Peter Francis disse que a Comissão pretende conscientizar as novas gerações sobre a importância desse serviço. "Elas devem levar adiante a mensagem de que existe valor e significado em manter os cemitérios e os memoriais às testemunhas silenciosas das duas guerras".

Mas o trabalho não é só isso. Quem visita um dos 2500 cemitérios tem a impressão que as guerras não foram tão mortais assim. Nem parece que lá estão enterrados milhares de mortos de guerra. A paisagem com jardins floridos e uma arquitetura paradisíaca dá um ar de tranquilidade e paz. Tudo é feito por membros de uma comissão especial, dedicados a plantar flores ao redor das lápides, grammas e arbustos nos caminhos que levam até as sepulturas e árvores para embelezar e tornar o ambiente agradável. São cerca de 20 espécies de plantas nativas colorindo os jardins dos cemitérios. Segundo a comissão, o clima ajuda a amenizar a dor de familiares e a honrar aqueles que lutaram durante os combates.

Para organizar todos os trabalhos, a comissão estabeleceu escritórios que supervisionam a manutenção e a preservação de túmulos e memoriais em vários países. O escritório central fica em Berkshire, na Inglaterra (*e-mail*: cwgc@btinternet.com) e só contém registros dos soldados da comunidade britânica.

A agência que cuida da área coberta pela França, por exemplo, é responsável por manter cerca de 470 mil túmulos e lápides. E para conservá-los, uma nova máquina, controlada por computador, foi adquirida para gravar os nomes dos soldados com maior rapidez e melhor acabamento, além de reduzir custos.

Existem também escritórios da comissão no Canadá, na Austrália, na África, no norte da Europa e mais dois

escritórios na Inglaterra: um para manter os cemitérios do país e outro para cobrir as demais áreas onde não há escritório, como o Brasil. De acordo com os dados da página, foram encontrados 25 soldados brasileiros, todos identificados, mas não estão incluídos nos registros da comissão.

O serviço é gratuito e, até agora, mais de 4 milhões de pessoas já acessaram a página em todo o mundo. Se você teve algum parente que lutou pela comunidade britânica e morreu em uma das guerras ou tem interesse pelo assunto, abra o *site* e

registro dos túmulos dos soldados mortos. Foi durante uma conversa com o tenente Col Stewart, um para-médico da Cruz Vermelha, que a idéia de começar o trabalho foi colocada em prática.

A importância de preservar as sepulturas logo foi reconhecida pelo escritório de guerra da Inglaterra, tanto para atender aos familiares quanto pela moral das tropas no campo de batalha. Em 1915, Fabian deu início ao trabalho de registro de túmulos, ingressando no exército e deixando o comando da Cruz Vermelha. Mais tarde foi promovido a major e terminou a II Guerra como major-general.

Desde o início da tarefa, Fabian estava ansioso para que o seu trabalho fosse reconhecido internacionalmente e pudesse transformá-lo numa cooperativa. Em maio de 1917, o trabalho finalmente foi reconhecido pela conferência imperial de guerra, quando a então comissão de registros passou a se chamar Comissão de Mortos de Guerra do Commonwealth. A fundação teve o aval do príncipe de Gales, que ficou como presidente da Comissão, enquanto Fabian permaneceu como vice até 1948. Além de responsável pela preservação dos túmulos dos militares, a Comissão também passou a cuidar dos mortos civis a partir de 1940, com o estouro da II Guerra.

O atual presidente é o duque de Kent e o representante líder é o secretário de estado de defesa do Reino Unido, George Robertson. Altos comissários do governo também integram a comissão.

Alexandre Mendonça



Comissão preserva e administra 2500 cemitérios em 150 países

clique em *services*. Essa página tem uma lista de dados necessários para encontrar o registro. Preencha os espaços e descubra onde estão sendo lembrados os filhos que deram a vida em troca do poder.

Homenagem póstuma - A idéia de criar um sistema de registros dos soldados do *Commonwealth* mortos nas duas guerras partiu do comandante da Cruz Vermelha Britânica Fabian Arthur Goustone Ware. Velho demais para servir o exército, Fabian chegou à França em setembro de 1914, ainda no comando da unidade, e se surpreendeu com a falta de uma organização oficial que fizesse o

Extradição de Pinochet nas mãos dos Lordes

A Câmara dos Lordes britânica deve decidir ainda no início de março se o ex-ditador chileno Augusto Pinochet será ou não extraditado para a Espanha. O processo vem se arrastando desde outubro passado, e depende da decisão unânime dos sete juízes que compõem a Câmara para ir adiante.

As audiências terminaram dia 4 de fevereiro, após doze dias de testemunhos. "Vamos levar um tempo para estudarmos isto", disse o chefe de Justiça, Lord Nicolas Browne-Wilkinson, após a conclusão das audiências, onde foram ouvidos os argumentos contra e a favor do senador vitalício Augusto Pinochet, 82 anos. Pela primeira vez, o governo chileno foi ouvido como testemunha.

A decisão da Câmara dos Lordes tomada em novembro passado, que determinou que Pinochet não tem imunidade diplomática e que pode ser extraditado para a Espanha, foi derrubada após ter sido descoberta a ligação de um membro da alta corte com o grupo de direitos humanos Anistia Internacional, que pressionou a favor da extradição de Pinochet, que continua detido e adoecido na Inglaterra.

Se a acusação conseguir a extradição do general para a Espanha, ele deverá ser julgado pelos crimes de assassinato, tortura e genocídio cometidos durante seu governo (1973 e 1990). O procurador Alun Jones pediu à Câmara dos Lordes que seja

negado o pedido de imunidade de Pinochet enquanto ex-chefe de Estado, levando em conta os últimos elementos acatados pelo Direito Internacional. O deputado trabalhista Jeremy Corbyn entregou aos lordes um abaixo-assinado com 30 mil assinaturas pedindo que os juízes considerem a opinião popular e neguem a imunidade ao ex-ditador. Se ela for negada, o processo de extradição iniciado em Madri seguirá seu curso; do contrário, Pinochet poderá ser autorizado a retornar ao Chile.

Os advogados do ex-general insistem na tese de que a prisão de Pinochet foi ilegal, já que as leis internacionais garantem imunidade absoluta a chefes de Estado e a seus atos oficiais. Também defendem a territorialidade da Justiça - crimes cometidos num país não poderiam ser julgados em outro. Mas os dois argumentos centrais da defesa são enfraquecidos por normas aceitas no próprio Chile. O país participa ativamente de tratados internacionais favoráveis ao julgamento de crimes cometidos contra a humanidade e apoiou ativamente esse tipo de julgamento nos casos de Ruanda e da Bósnia. Diante da mudança radical de atitude no caso Pinochet, o Chile terá que se explicar na Comissão de Direitos Humanos da ONU, que se reunirá em março.

Já a Justiça espanhola tem como respaldo o "princípio da perseguição penal universal" para julgar o ex-ditador. Esse

princípio é fundamentado por acordos da Convenção contra a Tomada de Reféns de 1979 e a Convenção contra a Tortura de 1984. As organizações de direitos humanos defendem que esses tratados sobreponem-se às leis sobre imunidade, enquanto os advogados de Pinochet alegam que a convenção não é válida para crimes anteriores a 30 de outubro de 1988, data de adesão do Chile. Segundo o jurista espanhol Antonio Remiro Brotons, pesquisador do Centro Espanhol de Relações Internacionais, os acordos internacionais dos três países envolvidos - Espanha, Grã-Bretanha e Chile - prevêm que a Justiça do país onde foi cometido o crime ou do país de origem do criminoso tem a obrigação de julgá-lo, mas se isso não ocorrer, a Justiça de outros países passa a ser imediatamente competente.

Vaticano - No último dia 19, o porta-voz da Santa Sé, Joaquim Navarro, confirmou a intervenção do Vaticano a favor de Pinochet. O governo britânico recebeu no fim do ano passado uma carta sigilosa do Vaticano a pedido do governo chileno. Acredita-se que a misteriosa carta seja uma intervenção diplomática do próprio Papa, mas nem o Vaticano, nem o governo britânico divulgaram o teor do documento, e nem confirmam se a carta foi uma mensagem pessoal de João Paulo II. Joaquim Navarro afirmou que a iniciativa do Vaticano foi tomada por solicitação

do presidente chileno Eduardo Frei, com o argumento da "soberania nacional, inclusive no terreno da Justiça". "O Papa apóia todo processo de reconciliação, inclusive no Chile" afirmou o porta-voz, dando a entender que o Papa concorda com a defesa chilena de que a prisão do ex-general viola as normas do Direito Internacional.

A divulgação da carta foi recebida com entusiasmo pelos defensores de Pinochet e com revolta pelos ativistas pró-direitos humanos. "Especialmente quando o próprio Papa disse numa homilia em dezembro que as mãos dos responsáveis por genocídio estão manchadas de sangue, e que eles devem ser presos", declarou Carlos Reyes, presidente do Chile Democrático, grupo anti-Pinochet sediado em Londres. "Gostaríamos que o Vaticano enviasse uma carta pedindo às forças armadas chilenas que entreguem informações sobre o que aconteceu com os nossos parentes desaparecidos", disse Viviana Díaz, vice-presidente do Grupo de Parentes Detidos Desaparecidos.

Diante do pedido do Vaticano, o governo britânico voltou a insistir que não pode interferir na questão, que diz estar agora nas mãos da Justiça.

Natália Viana com Fabrício Rodrigues



Comunidade internacional espera decisão oposta à do Vaticano

Itamar vira bode expiatório do Real

Mídia demoniza o governador de Minas em uma campanha a favor do presidente

Para Itamar Franco, que deixou o cargo de presidente da República em 1994 com o maior grau de popularidade da história republicana do país, os primeiros meses de mandato como governador de Minas Gerais têm sido bem diferentes. Bastou declarar no último dia 6 de janeiro a moratória das parcelas da dívida mineira por 180 dias para grande parte dos veículos de comunicação do país começarem a atacar ferozmente o governador.

As principais movimentações econômicas que seguiram o anúncio de Itamar têm sido responsabilizadas a ele, como a queda nas bolsas de Nova Iorque à Tóquio, especulação financeira, falta de credibilidade externa do Brasil, etc. A rede de televisão CNN e jornais como o *Financial Times* e o *Wall Street Journal* informaram que a moratória de Minas Gerais causou desvalorização imediata do dólar e no iene japonês.

Alguns dos maiores meios de comunicação do Brasil vêm tomando uma atitude bastante ofensiva em relação a Itamar Franco. Atitude essa que está tornando algumas reportagens de política e economia fortemente tendenciosas. Na primeira semana de fevereiro, a manchete principal do *Jornal Nacional* foi: "Solução para o calote de Minas Gerais. Os brasileiros vão dividir a conta". A rede Bandeirantes inseriu na sua programação uma chamada de alguns segundos dizendo que "moratória é crime".

O ex-presidente José Sarney, em sua gestão nos anos 80, declarou moratória da dívida externa várias vezes e se defendia dizendo que essa era a solução para o país na época. No caso de Itamar Franco, preferem chamar a suspensão do pagamento de "calote", ao invés da "moratória" da era Sarney.

Chimarrão com leite - Na primeira edição após a polêmica de-

cisão de Itamar Franco, a revista *Época* disse que "a estréia do ex-presidente no cargo de governador foi uma tormenta para Fernando Henrique" e "a notícia do calote de Minas pegou o presidente pelas costas". Em reportagens posteriores, disse que "Minas abala o mundo, gera temor no mercado e arranha de vez a credibilidade do Brasil no exterior". Chegou até a compará-lo com Fidel Castro na ocasião da Revolução Cubana de 1959, "como o Fidel de 40 anos atrás, Itamar é um político nacionalista que ainda não sabe aonde vai chegar com os companheiros de formação marxista". A revista *Veja* apresentou uma charge com a foto manipulada de Itamar com o bigode de Hitler e uma legenda: "a história se repete".

A *Época* vem adotando a estratégia de que "amigo do meu inimigo é meu inimigo". Olívio Dutra, governador do RS e principal aliado de Itamar também é criticado na reportagem, que chamou de "política do chimarrão-com-leite" as atitudes dos dois oposicionistas, numa alusão inversa à política do café-com-leite, onde políticos paulistas e mineiros se alternavam na presidência da república até 1930.

Anthony Garotinho, governador do Rio de Janeiro e também, opositor do governo, é aclamado como "exemplo a ser seguido" pois, ao contrário de Itamar e Olívio, não anunciou atrasos ou suspensões de pagamentos das dívidas com a União. Na matéria, Itamar, taxado de *o velbo*, impetuoso e amargo, é acusado de montar uma equipe econômica capaz de abalar a imagem do Brasil no exterior. Garotinho, *o jovem*, é consciente e criativo e, segundo a reportagem, o único dos dois (comparado a Itamar) com boas idéias na política.

Fabrizio Rodrigues



Veja aderiu ao bombardeio com o Hitler de topete; Época apelou para a comparação com Fidel

As baixarias da TV brasileira em discussão

As próprias emissoras poderão (!) decidir o que vão transmitir

Para tentar conter a violência nas programações de televisão começou, no início deste ano, a segunda e última rodada de negociações entre o governo e as emissoras. A proposta é promover a autorregulamentação das empresas, que devem elaborar seus próprios manuais. Com uma idéia semelhante, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) reuniu em Brasília, no dia 27 de janeiro, representantes das emissoras de TV, do governo federal, além de especialistas estrangeiros. O objetivo do encontro foi tentar promover um debate que ajude a esclarecer qual a real ligação entre imagens violentas e a violência que atinge, na pele, parte dos 24 milhões de jovens brasileiros entre 14 e 22 anos. Em uma pesquisa feita no ano passado pela própria Unesco, em parceria com o Instituto Ayrton Senna, chegou-se à trágica conclusão de que o número relativo de mortes violentas — onde estão incluídos suicídios e assassinatos — entre os jovens é mais alto do que no restante da população.

Nesta fase final de discussões entre o governo e as emissoras, cabe às empresas elaborar manuais de qualidade que visem combater os excessos em suas programações — enfatizando, além da violência, também as cenas de sexo. O governo torce por um consenso entre os canais, pois pretende divulgar o mes-

mo manual para todas as empresas do setor. Caso isto não ocorra, cada emissora terá permissão para adotar um manual próprio, desde que aprovado pela União. As penalizações por descumprimento das normas estabelecidas serão idênticas.

O governo pretende, com esses manuais, estabelecer faixas de horário específicas para a exibição das cenas de sexo e violência. A idéia inicial é proibir tais cenas antes das 21 horas. Além de restringir a exibição de violência e sexo em programas de ficção e naqueles baseados em fatos reais, o governo tem a intenção de incluir no código normas que elevem o nível também dos noticiários jornalísticos. De acordo com o secretário nacional de direitos humanos, José Gregori, o objetivo não é estabelecer controle sobre o que é noticiado, mas sim a forma como isso será feito.

O maior entrave para o sucesso deste projeto está na fiscalização das empresas. Por isso, Gregori pretende, ainda neste semestre, anunciar a criação de um comitê independente, que ficaria encarregado de acompanhar a programação das TVs. Este comitê será composto por representantes dos principais setores envolvidos: as redes de televisão, o governo federal e a sociedade.

Quando for criado, caberá ao comitê independente fazer valer aquilo que venha a ser definido, não deixando essas normas caírem novamente no esquecimento público, pois desde a década de 60 vigora no país um código de ética, firmado pela Associação Brasileira de Rádio e Televisão (ABERT), que não é respeitado. Portanto, é farta no país a legislação referente às emissoras de rá-

dio e TV que exploram situações humanas degradantes. Ao todo, entre estatutos, leis e decretos, existem 11 mecanismos de defesa, mas a falta de vontade política de colocá-los em prática faz com que, até hoje, nenhuma emissora tenha sofrido qualquer punição. As pessoas sentem-se insatisfeitas, a legislação existe, mas impere a impunidade.

Uma prova do descontentamento da sociedade brasileira pode ser dada com a queda de audiência que o *Programa do Ratinho* está enfrentando. Paradigma dos abusos que estão sendo questionados, o programa foi o estopim que empurrou a guerra pela audiência para patamares de extrema vulgaridade. No entanto, os últimos números divulgados pelo IBOPE — referentes a outubro e novembro passados — demonstram que mais de 200 mil paulistas e cariocas deixaram de assistir ao programa. Enquanto a audiência média no Rio de Janeiro caiu de 9 para 7 pontos, em São Paulo — onde o apresentador faz mais sucesso — os números caíram de 17 para 15 pontos. Pode ser que de lá para cá os índices já tenham retornado aos seus antigos patamares, mas a queda não deixa de ser um indicativo de que as pessoas estão começando a repudiar os excessos.

Gustavo Schwabe



Ratinho: ibope flácido

Cláudio de Menezes nasceu no dia dois de abril de 1955 na avenida Rio Branco em Florianópolis. Começou a trabalhar como locutor esportivo aos 13 anos no jornal de seu pai, foi bípité, escreveu sobre música, e hoje é colunista do Diário Catarinense. Adora futebol, rock, feijoadas e ler a própria coluna. Acha que nada precisa melhorar na sua vida, que falta simpatia ao povo de Florianópolis, que o amor é uma fonte de laucuras e que não existe papo mala. Diz que a única cantada que levou na vida foi neste ano, quando uma garota de 18 anos chamou ele de "gostoso". É por isso que levaria para uma ilha deserta quem topasse ir com ele. Confirma a seguir a conversa que o ZERO teve com Cacau.

Zero - A tua coluna é coluna social?

Cacau Menezes - Pode ser também. Mas na verdade ela é uma coluna de variedades. Eu falo de política, eu falo de economia, de música, de esportes, de festas, de gente. Então eu acho que de variedades ela se situa melhor.

Z. - Você acha que o que você faz é jornalismo?

C.M. - Acho que é jornalismo. Eu acho que é a única coluna em Santa Catarina que faz jornalismo.

Z. - A sua coluna é discriminada dentro do jornalismo?

C.M. - Claro. É discriminada porque eu não sou jornalista e o conceito de jornalismo social é aquele de antigamente. As pessoas acham que eu sou um colunista alienado, que gosta de fazer fofoca, falar das pessoas, trocar notícia por dinheiro, por festa. E o fato de eu não ter diploma e nunca ter cursado jornalismo causa um certo preconceito.

Z. - Como o colunismo começou?

C.M. - Quando eu deixei a rádio eu tive um jornal de surfe. Era metrê do Ricardinho Machado que hoje é colunista do AN Capital. A gente fazia o jornal todo. Fazia notinhas sobre o pessoal da praia. E o Beto Stodieck era o colunista na época. Era o melhor, o único colunista daqui. E o Beto tinha uma enorme influência, era um cara de prestígio, era o tipo de vida que eu queria. Ele tava sendo reconhecido na cidade como colunista, tava vivendo em boas condições. E eu senti que eu tinha um pouco do talento dele. Algumas vezes eu dava os títulos. E eu também era muito notícia na coluna dele. Meu pai era jornalista, ele teve um jornal, meu avô teve um jornal. Então é uma coisa que já vem de família. Eu comecei a fazer jornalismo. Tudo que é notícia, sendo boa, me interessa. Posso falar de sociedade, até de perua, dessas coisas assim, até de uma festa da Cristina Lacerda. Hoje eu posso falar, sabendo fazer notícia, tendo interesse, não tenho preconceito contra tema nenhum.

Z. - Quem lê a tua coluna?

C.M. - Todo mundo que compra o Diário Catarinense lê a minha coluna. A cidade lê a minha coluna, eu sou o colunista da cidade. O guardador de carro do mercado comenta as notícias da minha coluna, o torcedor do Avaí, aquele maneirinho que vai de moto para o estádio, o governador lê e comenta a minha coluna, o governador que saiu e está na spanha lê pela Internet e comenta a minha coluna. Ou seja, eu abranjo todos os segmentos. Por isso eu não posso vetar determinados assuntos. Tem nota até que eu não gosto. Às vezes eu olho e penso assim: "essa nota tá meia sem graça, um assunto banal", mas esse pessoal também me lê e tem que ser citado. Eu não faço a coluna só pra mim, né?!

Z. - Você sempre diz que a sua coluna é a mais lida e...

C.M. - Ela sempre foi a mais lida desde a primeira pesquisa do Diário Catarinense. Não sou eu que digo não, é a pesquisa. Todas as pesquisas que a RBS fez eu liderei. A última agora mostrou que a coluna passou a ser mais lida até que o próprio jornal, 79%. Isso é fantástico! (...) O Ronaldinho não é o número um? A Brahma não é a número um? O Cacau Menezes aqui é o número um! Não sei se é o melhor, é o mais lido.

Z. - Você recebe muitas cartas?

C.M. - Bastante, eu recebo mais cartas do que o jornal inteiro. Hoje eu já enchi três caixas de lixo.

Z. - Falando mal ou falando bem?

C.M. - Falando de tudo. Orientei a minha filha me mostrou um e-mail lá do computador dela, da nossa casa, de um cara dizendo horrores ao meu respeito. Agora eu mexi com uma parte muito significativa da cidade ironizando essa reação dos fiscais da Fazenda que foram mandados para o interior e entraram na justiça para continuar em Florianópolis.

Z. - E as pessoas de fora de Florianópolis, te escrevem, te mandam e-mail também?

C.M. - O pessoal de fora me reconhece mais como jornalista do que o pessoal daqui. Eles acham que eu sou um bom colunista, me procuram bastante para reivindicar, recebo muitas cartas elogiando o meu trabalho

e tal. O pessoal daqui já conhece, é o nativo florianopolitano, a gente cresceu junto e muita gente ficou pelo meio do caminho. As famílias empobreceram, os filhos não deram pra nada, os negócios melaram e eu desenvolvi. E o meu pai brigou com a metade da cidade. Então o filho, o neto desses, já passaram a não gostar de mim também por causa disso.

Z. - O que você acha de revistas de coluna social, como Caras, Gente...

C.M. - Eu acho uma grande besteira. Minha filha adora, só que eu detesto essa gente. Eu estou cada vez menos citando essas pessoas que só porque tem dinheiro... Eu não vou a baile de *smoking*, não frequento salões sociais. Hoje me convidaram para um jantar no Costão do Santinho, uma *socialite* que tem um apartamento lá. Nunca que eu vou! De jeito nenhum. Num sexta-feira à noite? Num sábado à noite? Eu quero é tá descalço com meus amigos, bebendo num bar qualquer... Imagina se eu vou tá arrumado, fazendo jogo pra perua.

Z. - E você acha que o pessoal te chama só porque você é o Cacau e aí a festa vai sair no jornal no dia seguinte?

C.M. - Essa aí é claro, eu nem conheço. Essa aí não tá chamando o Cacau, tá chamando o colunista. O Cacau tem cinco, seis amigos que gostam e pronto.

Z. - E como é o teu relacionamento com as fontes, como ficam as amizades do Cacau?

C.M. - Eu tenho notado ultimamente que quando eu faço uma nota com duplo sentido, os amigos até entendem, mas o amigo envenena. A terceira pessoa é perigosa. Aquele que chega e diz "pô, ele quis te fuder, ele quis te sacanear". Está havendo muita interferência dessa terceira pessoa. E minhas fontes são todos os leitores, que telefonam, escrevem e relatam fatos, alguns jornalistas que prestam assessoria de imprensa, que me mandam notícias do interesse da empresa.

Z. - E o teu ritmo de trabalho?

C.M. - Eu estou ficando de saco cheio de acordar cedo e de trabalhar na televisão. Eu acho que o meu projeto para o ano que vem não vai mais ser fazer televisão todos os dias. Vou dar um tempo. Eu acho que um programa de meia hora no sábado ou três vezes por semana. Essa noite eu fui dormir quatro da manhã. O Café Cancun tava lotado, tava uma turma super boa, o Xuxa tava lá na nossa mesa, a gente bebendo *champagne*, uma porrada de gata e eu tive que ir embora dormir. Hoje eu acordei mal, o rendimento não foi como eu queria. Então isso compromete. Agora na penúltima página eu estou fechando a coluna mais tarde, posso fechar até às dez da noite. Então eu tô conseguindo ir à praia toda tarde.

Z. - Quem gosta de aparecer na coluna?

C.M. - As menininhas... Todo mundo gosta de aparecer na coluna. A pessoa que se arruma, que vai numa loja, que compra uma roupa, que passa um batom, que passa um pente, que vai no salão é uma pessoa que gosta de sair na coluna social. É uma coisa comum. Quem não gosta de sair na coluna social é o foragido, é o cara que tá com o rabo preso na justiça, que tá roubando muito, esses não gostam. Mas as pessoas mais vaidosas, faz parte...

Z. - Quem são esses chatos? E por quê?

C.M. - Esses caras que escrevem pra jornal geralmente são chatos. É só tu acompanhar o nível de cartas que tu vai ver. Eles ficam brigando entre clubes. Não gostou, foda-se, fica ali. É uma pessoa só que tá dizendo, entendeu. O que diz não vai alterar a vida de ninguém. Pô, foi infeliz numa colocação, tudo bem, o problema é dele, mas ainda acertou em outras. Não, esses caras são raivinhos assim, eles ficam esperando uma hora pra se manifestar, pra dizer "ô filha da puta, tu errou, olha aqui". Essas pessoas tão, não sei, tão de mal com elas mesmas e ficam pegando neguinho, achando que o cara tem que tá aturando desaforo de todo

mundo, esporro.

Z. - Você lê outros colunistas?

C.M. - Claro, todos.

Z. - E qual é o melhor do Brasil?

C.M. - Do Brasil? Tô achando que sou eu.

Z. - Modesto...

C.M. - Tu me fez uma pergunta e eu te dei uma resposta.

Z. - E em segundo lugar?

C.M. - Depois de mim? Eu tô começando a achar que posso ser o melhor colunista do Brasil. É só o Ricardo Boechat morrer que eu assumo. Eu tô escrevendo bem, tô tirando leite de pedra, tô atingindo um universo de leitores que vai de 12 a 70 anos, de várias camadas sociais e moro numa cidade onde não acontece nada. Agora imagina se eu morasse em Rio/São Paulo. Eu não tenho uma pessoa pra atender o telefone. Eu tenho que parar o meu trabalho, interromper o raciocínio pra atender o telefone pra uma bobagem qualquer. Qualquer colunista tem um mínimo de estrutura, tem uma pessoa pra fazer essa triagem, saber se ele vai falar no

telefone. Porque senão tu perde concentração. Olha a sala onde eu tô, ô. A fotografia tá sentada no chão! Então, quer dizer, falta estrutura pra mim, falta notícia. Agora se eu morasse numa cidade maior, com notícia, com repórter, com dois, três me prestando assessoria, com a redação comentando os fatos comigo, porra, eu ia ser um dos melhores colunistas do Brasil.

Z. - E sobre aquela tua declaração de ter orgulho de nunca ter lido um livro...

C.M. - Eu nunca disse isso. Eu disse que eu nunca li um livro inteiro. Quem é que vai se orgulhar de nunca ter lido um livro? Só um idiota. E eu não sou idiota. Eu disse que eu nunca tinha lido um livro inteiro, todas as páginas de um livro, da primeira até a última página. Mas eu li, claro, sempre li. Eu gosto muito de ler. Agora, eu li o que me interessa. Tem capítulos de livro que eu passo. Livro grande, de 400 páginas, eu não vou ler 400 páginas. Dessas 400 páginas, 50 eu vou deixar pra trás. Posso até perder coisas boas, mas eu já sinto que um capítulo do livro não vai me interessar.

Z. - E teve algum livro especial, que você gostou muito?

C.M. - Eu gostei muito da biografia da Janis Joplin, que era uma mulher muito louca. E eu me acho um pouco parecido com ela. Então aquilo me deu um certo conforto, saber que tem... Mas eu não sou muito chegado em leitura de livro, não.

Z. - O que você gosta de ler?

C.M. - Eu li jornal o suficiente. É que eu já escrevo, eu passo o dia escrevendo. Então se eu dedicar mais tempo pra leitura, eu vou deixar de viver, de fazer outras coisas que eu gosto. Eu gosto de beber, eu gosto de bar, eu gosto de conversar. A minha leitura é a conversa que eu tenho com as pessoas na rua. Esse é o meu livro. Essa é a minha faculdade, a minha universidade. A universidade é a vida, é a rua. O show tá na rua.

Z. - E como é que seria o livro do Cacau?

C.M. - Então, esse aí é um projeto meu. Eu quero fazer um livro. Eu acho que vai sair, até 50 anos sai.

Z. - E sobre o que vai ser?

C.M. - Sobre a minha vida, sobre o que eu vi. Meu pai escreveu um livro que eu tô lendo agora. É "Retalhos de um tempo que vi, fiz e vivi", uma coisa assim. Eu não tenho muita cultura, né, eu não estudei, eu parei de estudar no segundo ano do ginásio. Quer dizer, eu não vou querer ter pretensão de fazer um livro. Agora, a minha vida é um livro, entendeu? O que eu vivi... porra. Então isso bem feito, com uma estrutura, eu tenho certeza que vai ser um livro apaixonante.

Z. - Como é que você vê isso de um cara que estudou até o segundo ginásio ser o colunista mais lido de Santa Catarina?

C.M. - Eu acho isso uma piada. Eu sinto pena dos meus concorrentes, porque vão perder logo pra mim? Que tem o segundo ano do ginásio? É porque são ruins. Eu queria ser formado, eu queria ser um cara... Eu nem falo inglês! Eu viajo todo o ano pro exterior, eu já fiz mais de 50 viagens pro exterior e não falô nada. Ultimamente minhas filhas é que tão resolvendo problema no hotel. Não falo língua nenhuma. Eu sou cego nesse aspecto.

Z. - Tem alguma coisa que você não goste em Florianópolis?

C.M. - Eu? Ambição. A inveja, o fato de ser muito conhecido numa cidade pequena tirar um pouco da minha privacidade. Antigamente eu podia fumar um baseado num sinal, hoje eu não posso mais fazer isso, as pessoas vão logo saber, e vão espalhar. E agora começa o exemplo pras minhas filhas. E o que mais... Tem muita coisa, essa cidade é cheia de defeitos, como eu, né.

Z. - Porque você é contra o diploma em jornalismo?

C.M. - Eu nunca fui contra o diploma. Eu sou contra a obrigação do diploma. Eu acho que eu exerço a minha profissão relativamente bem sem o diploma. Eu, o Paulo Francis não tinha diploma, o Alberto Dines, uma série de grandes jornalistas brasileiros, eu acho até que o Élio Gaspari não tem diploma de jornalista. O Boris Casoy eu sei, eu tenho certeza absoluta, não tem diploma. Embora eu acho legal estudar, eu acho muito legal se formar, acho o maior presente que um filho pode dar para um pai é chegar "olha o diploma aqui, ô, fiz o curso, valeu, o senhor me incentivou, tá aqui a recompensa, eu sou formado". Porra, quem é que não queria ser formado? Eu não tive oportunidade, não tive saco, não tive estímulo. Mas eu não sou frustrado por isso.

Z. - E você tem alguma desavença com o Curso de Jornalismo da UFSC?

C.M. - Nenhuma, nenhuma desavença com ninguém. Eu acho que os professores é que têm comigo. Porque de vez em quando vem um aluno me falar que eles falam de mim, mas eu não conheço, não tô preocupado, tenho certeza que eles me lêem todos os dias. E hoje até já tão me aceitando.

Z. - E as tuas notas sobre o curso...

C.M. - Ultimamente eu só tenho feito elogios. Mas a hora que eu tiver que dar uma porrada, eu vou dar também. Eu sinto assim um preconceito. Eu acho assim que a universidade tem um preconceito em relação à minha pessoa. Eu nunca fui convidado pra ir na universidade. O Restaurante Universitário ainda tá aberto? Eu não sei chegar no RU. Tu vê, é um absurdo. Eu sou o colunista da cidade e nunca fui lá, não conheço nada da universidade, eu tenho medo de ir lá, se eu for lá eu acho que eu vou ser vaiado. Talvez por isso, por causa dessa coisa de diploma.

Z. - E você sente isso pela universidade inteira ou só pelo Curso de Jornalismo?

C.M. - Não, pela universidade inteira. Tenho medo da universidade.

Z. - E o que você acha dessa sala separada onde você trabalha?

C.M. - O lugar onde eu trabalho é o melhor lugar do mundo, sempre. Eu adoro o que eu faço. Quando eu sento aqui é melhor do que fazer amor, do que ir pra cama. Quando eu sento nessa mesa aqui, é o lugar de prazer, prazer.



Samanta Lopes/Zero